

A LUZ DAS NOSSAS MENTES

Vincent Cheung

Título do original:
The Light of Our Minds

Copyright © 2002, 2004 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por [Reformation Ministries International](http://www.reformationministriesinternational.com)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 2004	3
1. ARGUMENTE PARA GANHAR	4
2. POR PALAVRA E ATITUDE	17
3. A LUZ DAS NOSSAS MENTES	24
4. O PROBLEMA DO MAL.....	49

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 2004

O antiintelectualismo prevalece no Cristianismo evangélico moderno. Livros e sermões advogam uma fé mística e irracional, e muitos que alegam ser povo de Deus “gostam dessas coisas” (Jeremias 5:31). A tendência é tão predominante que algumas pessoas associam intimamente o antiintelectualismo com Cristianismo, afirmando uma disjunção auto-imposta entre fé e razão, de forma que se requer um “salto de fé” irracional para que alguém abrace a cosmovisão cristã.

Contudo, esta ‘fé’ não é a fé cristã. Longe de favorecer um pensamento irracional, a cosmovisão bíblica resgata, preserva e exalta o intelecto, mais do que qualquer outra cosmovisão. Criado à imagem de Deus, a mente do homem é a parte dele que caiu em pecado, e é a parte dele que é renovada e reconstruída na conversão. O processo subsequente de santificação da mesma forma envolve o desenvolvimento do intelecto em conformidade ao conteúdo do ensino bíblico, que é “a renovação da sua mente” (Romanos 12:2). Paulo escreve que uma pessoa que passou pela regeneração “está sendo renovado em conhecimento” (Colossenses 3:10). Através do profeta Jeremias, Deus diz que os “pastores segundo o meu coração” são aqueles que conduzirão seu povo “com conhecimento e com inteligência” (Jeremias 3:15).

Os ensaios neste livro compartilham pelo menos dois temas comuns – a saber, a ênfase bíblica sobre a mente e o monopólio da cosmovisão cristã sobre a esfera intelectual. O Cristianismo preserva a racionalidade, e fornece a pré-condição da inteligibilidade. Juntos, estes capítulos servem como um lembrete para o cristão amar a Deus com toda a sua mente (Mateus 22:37), e ao mesmo tempo ilustram uma estratégia eficaz para a apologética cristã.

1. ARGUMENTE PARA GANHAR

O professor de Oxford, Alister McGrath, fez uma declaração muito equivocada em seu livro desastrosamente intitulado *Intellectuals Don't Need God and Other Modern Myths* [Intelectuais não Precisam de Deus e de Outros Mitos Modernos]. Ele diz: “Apologética não é sobre ganhar argumentos – é sobre ganhar pessoas”.¹ Em conexão com isso, o livro tem como uma das suas teses centrais que muitos, ou até mesmo a maioria dos indivíduos rejeitam o Cristianismo, não principalmente por causa de quaisquer objeções intelectuais insuperáveis, mas por causa de outros fatores tais como aplicabilidade existencial. Assim, ele escreve: “O Cristianismo deve se recomendar em termos de sua relevância para vida, não simplesmente por sua racionalidade inerente”.²

O resto do seu livro, também latente com problemas, tenta justificar e desenvolver essa suposição e suas ramificações na prática da apologética. Eu sustento que sua afirmação é equivocada, falsa e perigosa para os cristãos que desejam conduzir uma apologética fiel e bíblica; todavia, sua afirmação representa não somente uma visão minoritária, mas antes uma noção popular do que a apologética deveria esforçar-se para realizar.

Para repetir, McGrath escreve: “Apologética não é sobre ganhar argumentos – é sobre ganhar pessoas”. Quando ganhar *argumentos* é contrastado com ganhar *pessoas*, a maioria das pessoas não deseja discordar imediatamente, mesmo que elas sintam que há algo de errado com a declaração, visto que discordar poderia implicar que elas se preocupam mais com ganhar argumentos do que com ganhar pessoas. Isto é, se definimos apologética como preocupada principalmente com ganhar argumentos contra incrédulos, então pode parecer para algumas pessoas que temos nos desviado do que supostamente seria o nosso objetivo principal, que é ganhar pessoas para Cristo.

A declaração de McGrath é enganosa porque implica que você pode perder um argumento contra o não-cristão, e em conexão com a perda do argumento, ainda ganhá-lo para Cristo; isso implica que não há nenhuma conexão positiva entre ganhar argumentos e ganhar pessoas. Mas se não há nenhuma conexão positiva entre os dois, então isso significa que num debate um incrédulo pode mostrar que o Cristianismo é falso, e então se arrepender e crer no evangelho de qualquer forma.

Certamente, o Espírito Santo pode e frequentemente convence a mente dos eleitos a despeito de suas falhas na argumentação, mas isso é diferente de negar uma relação positiva definida entre ganhar argumentos e ganhar pessoas. Eu posso dizer: “Apologética não é sobre bater na cara das pessoas, mas sobre ganhar pessoas para Cristo”; seria então verdade que eu posso bater na cara das pessoas, e em conexão com o bater na cara delas ainda conduzi-las a Cristo? Por outro lado, refrear-se de

¹ Alister McGrath, *Intellectuals Don't Need God and Other Modern Myths*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1993; p. 12.

² *Ibid.*, p. 9.

bater na cara das pessoas é um das coisas que conduz ao ganhar pessoas para Cristo, fazendo-a preferível e quase necessária.

Um dos erros de McGrath é confundir apologética com evangelismo. O *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary* define a palavra *apologética* como um “discurso sistemático argumentativo em defesa (como de uma doutrina); um ramo da teologia devotado à defesa da origem e autoridade divina do Cristianismo”.³ Por outro lado, *evangelismo* é “o ganho ou restauração do compromisso pessoal a Cristo”.⁴ Essas definições refletem o uso comum, e o *Evangelical Dictionary of Theology* concorda com elas. Ele define *apologética* como “um discurso sistemático, argumentativo, em defesa da origem e autoridade divina da fé cristã”,⁵ e *evangelismo* como “a proclamação das boas novas de salvação em Jesus Cristo, com o objetivo de produzir a reconciliação do pecador com Deus o Pai através do poder regenerativo do Espírito Santo”.⁶

Dada essas definições, é evidente que apologética não é o mesmo que evangelismo, contudo, elas podem estar relacionadas, mas McGrath confundiu as duas. Seria mais preciso dizer: “Evangelismo não é *apenas* ganhar argumentos, mas *também* ganhar pessoas para Cristo; todavia, derrotar incrédulos na argumentação pode ser o meio pelo qual Deus os converte”. Visto que apologética é *por definição* sobre argumentação, a declaração de McGrath é equivalente a dizer: “Nossos *argumentos* com os incrédulos não é sobre ganhar argumentos, mas ganhar pessoas”, ou “Apologética não é sobre apologética, mas sobre evangelismo”. Mas isso é auto-contraditório e falso por definição. Ao substituir o significado de apologética com aquele de evangelismo, não há mais uma palavra para expressar o significado do que é apropriadamente chamado de apologética.

Outra declaração no livro levanta outra concepção errada sobre apologética. Referindo-se à mentalidade do incrédulo quando ouvindo a mensagem do evangelho, ele escreve: “O evangelho está sendo avaliado, não sobre a base das suas idéias, mas sobre a base dos seus efeitos sobre pessoas e instituições”.⁷ Para McGrath, isto supostamente conta como algo contrário à idéia de que apologética é “demonstrar a racionalidade da fé cristã”.⁸ Uma objeção similar contra a definição apropriada da apologética é que muitas pessoas rejeitam a fé cristã não porque pensam que ela é falsa, mas porque têm certas necessidades pessoais que pensam o evangelho não poder satisfazer, quer essas necessidades sejam psicológicas, sociais, financeiras, etc. Portanto – a objeção continua – a apologética (ou mesmo evangelismo) deveria se focar sobre como o evangelho se dirige às necessidades das pessoas, e não sobre o mandamento de Deus para o incrédulo renunciar seus pecados e afirmar a verdade do evangelho.

É frequentemente verdade que, como McGrath diz, “o evangelho está sendo avaliado, não sobre a base das suas idéias, mas sobre a base dos seus efeitos sobre pessoas e

³ *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition*; Springfield, Massachusetts: Merriam-Webster, Incorporated, 2001; “apologética”.

⁴ *Ibid.*, “evangelismo”.

⁵ *Evangelical Dictionary of Theology*; Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1984; “apologética”.

⁶ *Ibid.*, “evangelismo”.

⁷ McGrath, p. 68.

⁸ *Ibid.*, p. 68.

instituições”. Contudo, isto é precisamente o que está errado com muitos incrédulos, e é precisamente sobre isto que o apologista cristão deve confrontá-los. Que a fé cristã não deve ser avaliada de acordo com sua verdade ou falsidade, mas quão bem ela “funciona” ou faz com que alguém se sinta bem, é um lapso na racionalidade ou até mesmo uma negação da racionalidade. Ao invés de adaptar nossa abordagem para se acomodar aos incrédulos, é o nosso dever confrontá-los e corrigi-los sobre isto.

E se as pessoas rejeitam o evangelho, não porque pensam que ele seja falso, mas porque ele as tornará impopulares com muitas pessoas? Deveríamos então modificar nossa abordagem para mostrá-las que o Cristianismo de fato as tornará populares, ou deveríamos ao invés disso argumentar que esta é a maneira errada de julgar uma cosmovisão? Se o pragmatismo é a filosofia predominante numa determinada sociedade, devemos então mostrar que o Cristianismo é a mais prática de todas as religiões e cosmovisões? Ao invés disso, por que não mostrar que o pragmatismo é errado? Em vez de tentar mostrar que o Cristianismo é verdadeiro de acordo com o falso padrão de julgamento do incrédulo, deveríamos mostrar que o próprio padrão de julgamento deles é falso, e que o Cristianismo é verdadeiro de acordo com um padrão verdadeiro de julgamento, e que este padrão verdadeiro de julgamento é a revelação de Deus para nós. Isto é apologética bíblica.

Há muitíssimos falsos conversos nas igrejas hoje precisamente porque não temos realizado evangelismo pregando e defendendo a verdade, mas sim satisfazendo as necessidades e desejos pessoais da audiência, quando o evangelho bíblico ordena-os a negar precisamente estas necessidades e desejos pessoais. Este mesmo erro explica o porquê parece como se os “efeitos do evangelho sobre pessoas e instituições” não têm sido totalmente positivos. Devemos insistir que, se as pessoas recusam vir a Cristo pela mensagem correta e pelas razões certas, então não deveriam vir a Cristo de forma alguma, e já há muitos falsos cristãos em nossas igrejas para acomodar ainda mais deles. Nem apologética nem evangelismo é “ganhar pessoas” a todo custo – certamente não à custa da verdade.

Tendo feito a declaração citada como uma tentativa de corrigir o objetivo tradicional da apologética, mesmo McGrath continua pra dizer:

É a intratabilidade do pecado humano, e não qualquer deficiência no evangelho, que fundamenta o fato de que há péssimos cristãos. Tristemente, o pecado é tão dominante que a igreja cristã tende a obscurecer Cristo à medida que ela o revela. É somente pela graça de Deus que a atração de Cristo e o seu evangelho sobrepõem o testemunho manchado da igreja institucional. Que há cristãos que não são especialmente bons é um testemunho da realidade e do poder do pecado humano; que há cristãos que são especialmente bons é um testemunho da realidade e do poder da graça divina.⁹

Isto é pelo menos uma tentativa decente de responder ao problema que McGrath levantou em seu livro, que o evangelho não parece “funcionar” tão bem como os crentes professos alegam. Podemos também adicionar que muitos, ou até mesmo a

⁹ Ibid., p. 71.

maioria, que alegam ser cristãos em nossos dias são de fato falsos cristãos, e assim, a aparentemente ineficácia do evangelho em suas vidas – eles nunca foram cristãos em primeiro lugar. Em adição, mesmo quando estamos nos referindo a cristãos verdadeiros, a resposta de McGrath mostra que a teologia cristã não é contradita pelo fato de que os cristãos ainda pecam, de forma que nossa mensagem ainda é verdadeira, a despeito do que os incrédulos observam. Isto é, a Escritura nunca alega que os cristãos seriam perfeitos nesta vida, somente que eles foram radicalmente transformados pela graça e poder de Deus.

Assim, McGrath ainda usa um argumento racional aqui, e um que refuta uma das razões do incrédulo para rejeitar o evangelho. Mas então, qual é a diferença entre o que McGrath diz aqui, e a agenda da apologética tradicional? À luz do que ele escreveu acima, é difícil explicar como McGrath poderia menosprezar a apologética tradicional como dando “a impressão que o Cristianismo é uma série de idéias que algumas pessoas aceitam e outras rejeitam”.¹⁰ Em vez disso, o que McGrath escreveu mostra que o Cristianismo de fato é uma série de idéias, ou uma cosmovisão, que alegamos como verdadeiras e recomendamos ao incrédulo como algo que ele deve aceitar.

McGrath continua: “Todavia, o Cristianismo é sobre idéias encarnadas na história, a personificação de valores na vida real”,¹¹ mas isto não adiciona nada à discussão, e não escusa sua inconsistência. Sua declaração reconhece que, quer elas tenham ou não “encarnado na história”, o Cristianismo ainda é “sobre idéias”, e quer elas tenham sido ou não “personificadas na vida real” (o que quer que isso signifique), os “valores” ainda são idéias e conceitos intelectuais. Parece que McGrath quer se distanciar de uma apologética intelectualista, mas parece também que ele não pode fugir dela, especialmente em seus melhores e mais sábios momentos.

Portanto, a premissa de que é errado ou insuficiente pensar em apologética como primariamente preocupada com ganhar argumentos é um absurdo desprovido de base. Tendo definido corretamente nossos termos, temos também estabelecido que podemos distinguir entre apologética e evangelismo sem separar completamente os dois. Embora muitas pessoas sejam convertidas sem argumentos extensos, Deus frequentemente usa nossos argumentos como meios pelos quais ele converte pecadores. A apologética frequentemente serve ao evangelismo, mas os dois não são idênticos.

O objetivo da apologética bíblica é demonstrar a superioridade intelectual do Cristianismo sobre todas as cosmovisões não-cristãs usando argumentos, e este objetivo frequentemente (mas nem sempre) subsiste sob o propósito mais amplo do evangelismo. Em algumas ocasiões, pode ser o objetivo principal do cristão defender a credibilidade intelectual do Cristianismo contra as críticas dos incrédulos. Isto é, em algumas ocasiões, o foco primário pode ser ganhar os próprios debates, e não converter pecadores, embora Deus certamente possa e usará estes debates como ocasiões através das quais ele converte alguns dos seus escolhidos.

¹⁰ Ibid., p. 68.

¹¹ Ibid., p. 68.

Deveríamos lembrar que mesmo o próprio evangelismo serve ao propósito mais amplo de amadurecer o eleito. Isto é, nossa tarefa primária *nunca* foi o evangelismo; antes, nossa tarefa primária é trazer os eleitos à maturidade, e o evangelismo é apenas o primeiro passo na realização desta tarefa primária. Assim, a apologética é principalmente sobre ganhar argumentos; evangelismo é uma categoria mais ampla que é principalmente sobre ganhar pessoas para Cristo, o que frequentemente envolve apologética; então, o discipulado é uma categoria ainda mais ampla que é principalmente sobre amadurecer as pessoa em Cristo, que frequentemente envolve evangelismo.¹²

A Escritura ensina que a apologética tem como seu fim a total refutação das idéias intelectuais não-cristãs, além de fornecer uma apresentação e defesa racional invencível da sua própria posição. Dado nossas definições acima para apologética e evangelismo, os exemplos bíblicos nem sempre os apresentam com procedimentos separados, mas que eles podem ocorrer ao mesmo tempo. Isto é consistente com o que temos declarado, que frequentemente realizamos apologética no contexto e para o propósito do evangelismo. Mas o que temos estabelecido é que é possível distinguir entre os dois de forma que, a despeito da sua íntima relação, podemos discuti-los separadamente. Portanto, apologética é sobre ganhar argumentos, e evangelismo é sobre ganhar pessoas para Cristo. A relação entre eles consiste no fato que ganhar argumentos contra os incrédulos é frequentemente o meio pelo qual Deus “pressiona” a realidade e verdade da sua revelação nos pecadores, e assim, convertendo suas mentes por sua graça soberana.

Com respeito à obra missionária de Paulo aos Tessalonicenses, Lucas escreve: “Segundo o seu costume, Paulo foi à sinagoga e por três sábados discutiui com eles com base nas Escrituras” (Atos 17:2). A expressão, “segundo o seu costume”, segue a mesma construção gramatical de “como era seu costume” em Lucas 4:16, onde Lucas descreve o hábitos de Jesus entrar na sinagoga. Aqui Paulo “discutiui com eles com base nas Escrituras”. A palavra inglesa traduzida como “arrazoou”¹³ (*dialegomai*) significa uma apresentação verbal e uma interação intelectual para o propósito de chegar a uma conclusão lógica. A.T. Robertson confirma que a palavra significa: “selecionar, distinguir, então resolver na mente, conversar, então ensinar no método socrático de pergunta e resposta... então simplesmente discursar, mas sempre com a idéia de estímulo intelectual”.¹⁴

Assim, J. B. Phillips traduz: “Por três Sábados ele *argumentou* com eles a partir das escrituras, explicando e citando passagens para provar a necessidade da morte de Jesus e sua ressurreição dentre os mortos. ‘Este Jesus a quem estou proclamando a vocês’, ele concluiu, “é o Cristo de Deus” (Atos 17:2-3).¹⁵ Similarmente, a tradução de Richmond Lattimore diz que Paulo “*palestrou* para eles sobre as escrituras”, e que

¹² Eu digo “frequentemente” e não “sempre” porque Deus nem sempre converte o pecador através do que chamamos “evangelismo”, visto que ele pode e de fato converte pecadores “diretamente” através da Escritura.

¹³ Nota do tradutor: Na versão do autor, ou seja, NIV. A ARA também traz: “Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras”.

¹⁴ A.T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, Vol. 3; Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1930; p. 267.

¹⁵ J.B. Phillips, *The New Testament in Modern English*; New York: Touchstone, 1988.

ele fez isto “*demonstrando e provando* que o Cristo tinha que sofrer e ressuscitar dentre os mortos” (Atos 17:2-3).¹⁶

Paulo cumpriu seu ministério *palestrando e argumentando*, embora estas sejam precisamente as duas coisas que muitos cristãos modernos dizem que não devemos fazer. Eles deveriam se envergonhar de quão longe se apartaram dos métodos escriturísticos, e aqueles de nós que afirmam a Escritura deveriam repreendê-los duramente por causa da sua apostasia. Os cristãos verdadeiros permanecerão fiéis às Escrituras, de forma que, ao invés de deixarmos de palestrar e argumentar, devemos voltar a palestrar e argumentar. Nesta era, quando a maioria das pessoas entende incorretamente e maldiz a fé cristã, devemos palestrar sobre e argumentar a favor do evangelho mais do que jamais antes. Esta era a estratégia dos apóstolos, veementemente rejeitada pelos apóstatas de hoje.

A pregação de Paulo envolvia raciocinar, argumentar e palestrar – todas atividades altamente intelectuais. Argumentar era uma parte integral da estratégia evangelística. Além do mais, ao invés de argumentar em favor do valor existencial do evangelho – sua capacidade de satisfazer as “necessidades sentidas” ou os desejos humanistas dos incrédulos – ele argumentava em favor das proposições centrais do evangelho, tais como a revelação e julgamento de Deus e a encarnação e ressurreição de Cristo. Ele apresentava o evangelho como algo que as pessoas deveriam crer por ser verdadeiro, ao invés de focar sobre seu poder para livrá-los de coisas tais como depressão, solidão ou insignificância. Isto é o que significa fazer apologética – ela honra o evangelho e converte os eleitos argumentando persuasivamente que o Cristianismo é verdadeiro, e portanto, deve ser crido. Paulo diz: “Agora [Deus] ordena que todos, em todo lugar, se arrependam” (Atos 17:30). Deus impõe uma obrigação moral sobre a humanidade para crer no que a Escritura ensina, incluindo a encarnação, expiação e ressurreição de Cristo, de forma que ninguém possa rejeitar o evangelho com impunidade.

Por seus exemplos, os cristãos primitivos não nos recomendam a abordagem moderna antiintelectual caracterizada por apelos emotivos, com muito drama e barulho, mas sim a estratégia altamente intelectualista de palestras acadêmicas e argumentos racionais. Esta é a forma para tanto alcançar incrédulos com o evangelho como para educar os crentes na fé. Muitas pessoas tentam estabelecer o caso que outros programas evangelísticos parecem ser mais eficazes, mas visto que são métodos não-bíblicos ou mesmo anti-bíblicos, eles podem ter sucesso somente em gerar falsos conversos. Se as pessoas não são convertidas por e ao verdadeiro evangelho, então elas não são convertidas em nenhum sentido cristão, de forma alguma; antes, permanecem sob a ira de Deus, perdidas, e em direção à destruição.

Certamente, nossas confrontações com os incrédulos variam em graus de formalidade. Algumas vezes defendemos a fé contra acadêmicos profissionais, mas com maior frequência as confrontações ocorrem em nossas conversações diárias com amigos e conhecidos. Seja qual for o caso, a apresentação racional das reivindicações do evangelho sempre devem estar presentes. As pessoas devem crer no evangelho não porque pensam que ele lhes fará se sentir melhor ou aliviado de quaisquer inconveniências pessoais, mas porque chegaram a crer que Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5).

¹⁶ Richmond Lattimore, *The New Testament*; New York: Bryn Mawr Trust Company, 1996.

Tratemos agora com uma passagem bíblica popular, a partir da qual muitos derivam apoio para se desviar do padrão bíblico, e usam suas próprias estratégias antiintelectuais e assim chamadas “criativas”.

Porque, embora seja livre de todos, fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas. Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei, tornei-me como se estivesse sujeito à Lei (embora eu mesmo não esteja debaixo da Lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da Lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo), a fim de ganhar os que não têm a Lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser co-participante dele. (1Coríntios 9:19-23).

Por ora, precisamos observar somente um ponto para apresentar o tipo de uso impróprio sob discussão. Paulo diz: “Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei”. Por quê? “A fim de ganhar os que não têm a Lei”. Mas no meio da sua sentença, Paulo adiciona: “embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo”. Embora Paulo fosse sensível à cultura e pano de fundo daqueles que tentava alcançar, ele nunca comprometeu seu compromisso ou doutrina cristã. Ele explica que embora tenha se tornado “*como* sem lei”, ele de fato *não* era “*livre* da lei de Deus”. Paulo nunca mudou o conteúdo ou a apresentação do evangelho; ele meramente adaptava-se às condições culturais não-essenciais que não comprometiam o evangelho. Você não deve se tornar um drogado para alcançar os viciados em drogas, e você não deve se tornar uma prostituta para alcançar as prostitutas. Em vez disso, seguindo os apóstolos, você deve palestrar e argumentar com eles em favor do evangelho, acomodando-se aos seus ouvintes somente em questões não-essenciais.

É verdade que pessoas diferentes têm objeções diferentes contra o evangelho, e neste sentido, adaptamos nossa mensagem de forma que nossa apresentação possa ter um efeito direto sobre a audiência. Contudo, permanece o fato que nossa resposta a qualquer objeção consiste de argumentos racionais, e o objeto de fé proposto a eles ainda são idéias e proposições da fé cristã. Portanto, todas as modificações em nossa apresentação são somente superficiais – podemos ajustar a forma da nossa apresentação, mas não o conteúdo ou abordagem essencial.

Por exemplo, uma pessoa que alega rejeitar o evangelho por causa de uma objeção científica precisa de uma resposta diferente daquela que rejeita o Cristianismo por causa de um compromisso anterior a uma falsa religião. Mas em ambos os casos, usamos argumentos intelectuais para atacar a resistência deles, e o que dizemos que eles creiam permanece o mesmo. Além do mais, no sistema bíblico ou pressuposicional de apologética, podemos refutar com sucesso ambos os tipos de objeções com argumentos similares, apenas com alguns pequenos e superficiais ajustes.¹⁷

¹⁷ Veja Vincent Cheung, *Ultimate Questions e Presuppositional Confrontations*.

Há muitas coisas que podemos e deveríamos fazer para evitar diferenças culturais que impeçam o evangelho, sem comprometer nosso comprometimento para com a doutrina pura no processo, como Paulo indica nesta passagem. Dizer que deveríamos “nos tomar tudo para com todos”, como um argumento contra a visão intelectualista da apologética e do evangelismo, é algo sem sentido e irrelevante. Os cristãos podem ser sensíveis à cultura e pano de fundo da audiência, mas isto não resulta em qualquer mudança essencial em nossa abordagem e mensagem.

Atos 17:1-3, citado anteriormente, refere-se ao ministério evangelístico de Paulo em Tessalônica. Então, referindo-se ao seu ministério posterior em Corinto, a Bíblia diz: “Todos os sábados ele debatia na sinagoga, e convencia judeus e gregos” (Atos 18:4). Este versículo novamente descreve sua abordagem tanto para com judeus como gregos. Contra aqueles que desprezam a importância de ganhar argumentos, Paulo consistentemente argumenta em favor da fé cristã como um sistema verdadeiro e coerente de pensamento. Lucas escreve que Paulo “debatia” (argumentava, discutia, palestrava) com sua audiência, com o intento expresso de “convencer” (Thayer: “induzir alguém a crer mediante palavras) todos tipos de ouvintes.

Algumas pessoas dizem que não devemos argumentar com os jovens dos nossos dias, visto que a cultura deles é tão adversa ao discurso intelectual, que desprezariam completamente nossa mensagem se tentássemos arrazoar com eles. Em adição, visto que as pessoas de nossa geração orientada a televisão e imagens têm uma atenção com duração de apenas poucos minutos, é ilusório esperar que as congregações suportem uma palestra como sermão com uma hora de duração, cheia de informação e argumentos teológicos e filosóficos.

Em resposta, devemos primeiro observar que o modo bíblico de pregar e ensinar a palavra de Deus é através de apresentações e argumentos intelectuais, e, portanto, esta abordagem é a nossa única esperança. Segundo, o próprio antiintelectualismo das pessoas é uma atitude anti-bíblica e pecaminosa que devemos repreender e corrigir – por meios bíblicos e intelectuais. Terceiro, quer saibamos ou não, a aversão deles a um pensamento aprofundado sobre as questões últimas é em si mesmo uma conclusão intelectual extraída de premissas injustificadas e anti-bíblicas que eles aceitam implicitamente. Estas premissas se manifestarão à medida que pressionarmos-los a explicar e justificar a mentalidade antiintelectual e anti-bíblica deles, tornando rapidamente a situação numa confrontação intelectual. Em resumo, a própria crença de que um discurso intelectual é fútil é uma posição intelectual que o cristão deve desafiar.

É impossível destruir o antiintelectualismo se rendendo a ele – abandonar a pregação doutrinária e as palestras teológicas de forma que possamos dar lugar à música, ao drama, à dança e à socialização somente serve para aumentar o problema. Não devemos dar às pessoas o que elas desejam, visto que desejam coisas errada; antes, devemos dizer-lhes o que a Escritura ordena que elas desejem.

Não devemos jogar fora nossa arma, “a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Efésios 6:17), simplesmente porque crentes iludidos e incrédulos hostis nos dizem que esta arma não é mais eficaz. Em vez disso, afirmamos que “a palavra de Deus é viva e eficaz” (Hebreus 4:12), penetrando profundamente nos corações dos homens.

Contra qualquer tipo de raciocínio anticristão, incluindo argumentos auto-contraditórios dizendo que não deveríamos argumentar, podemos aplicar a palavra de Deus, que certamente será bem sucedida pelo poder de Deus (Isaías 55:11).

Quando pregando, não deveríamos encorajar as pessoas a se tornarem ou permanecerem imbecis intelectuais, incapazes de captar até mesmo o mais básico sermão ou palestra teológica. Podemos precisar nos acomodar ao intelecto destreinado pregando de maneira simples a princípio, mas devemos pregar sempre bíblicamente, e a lei de Deus fará com que os simples se tornem sábios (Salmos 19:7). Embora devamos dar tempo para que as pessoas progridam, não devemos retroceder jamais, mas devemos declarar para eles “todo o propósito de Deus” (Atos 20:27, NASB). Fazer algo menos que isso é perpetuar a fome espiritual em nossas igrejas hoje; é impossível conseguir os resultados bíblicos enquanto desprezando os métodos bíblicos.

Paulo argumenta contra idéias incrédulas o tempo todo; isso era uma parte integral da sua estratégia evangelística, e é parte do que significa pregar. Similarmente, com respeito a Apolo, Lucas escreve: “Apolo, natural de Alexandria... era homem culto e tinha grande conhecimento das Escrituras” (Atos 18:24), e ele “refutava vigorosamente os judeus em debate público, provando pelas Escrituras que Jesus é o Cristo” (v. 28). Alexandria era o centro do aprendizado judaico-helenista, e tinha livraria e universidade. Apolo, que era judeu, foi educado em tal ambiente de rigor acadêmico e filosófico. Ele coloca sua educação em bom uso no versículo 28 refutando os judeus em debate público, provando que Jesus era o Messias. Como com Paulo, ao invés de desprezar seu entusiasmo em argumentar, Lucas joga Apolo numa luz positiva precisamente por causa da sua proeza intelectual e da sua capacidade de refutar os oponentes do Cristianismo.

Jesus também argumentava para defender seu ministério e sua mensagem, e argumentava tão habilmente que a Escritura diz: “Ninguém conseguia responder-lhe uma palavra; e daquele dia em diante, ninguém jamais se atreveu a lhe fazer perguntas” (Mateus 22:46).¹⁸ Você deveria tomar tempo para ler todos os versículos precedentes a este, especialmente os versículos 15-45. Neles, Jesus prova ser um brilhante exegeta (v. 23-33) e teólogo sistemático (v. 34-40); ele resolve um dilema doutrinário que os fariseus tinham levantado contra ele (v. 15-22), enquanto propõe um dos seus que pode ser resolvido somente reconhecendo que o Messias deveria ser Deus e homem, e que ele é aquele que se ajusta à descrição (v. 41-45). Ele foi um mestre do argumento e do debate.

Lendo os Evangelhos com uma mentalidade antiintelectual, uma pessoa facilmente perde a sutileza e precisão com a qual Cristo argumenta com seus oponentes em inúmeras ocasiões. Vamos supor que os guardas foram hipnotizados por algum tipo de poder místico ou carisma intelectual, emanando da sua pessoa, quando disseram: “Ninguém jamais falou da maneira como esse homem fala” (João 7:46)? Não, as pessoas criam por causa do conteúdo intelectual que suas palavras transmitiam: “E por causa da sua palavra, muitos outros creram” (João 4:41; também Marcos 6:2, Lucas 19:48, João 7:15). Na Bíblia, o ministério eficaz nunca é atribuído a algum tipo de presença mística ou carisma não-intelectual, que muitos hoje chamam

¹⁸ Lattimore, *New Testament*.

erroneamente de “unção”, mas ela atribui o ministério eficaz à doutrina correta comunicada através da pregação fiel, e tornada eficaz pelo poder do Espírito.

Várias passagens bíblicas ordenam que os cristãos, e especialmente os ministros, refutem os oponentes do Cristianismo. Paulo esclarece a natureza deste conflito:

As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo. (2Coríntios 10:4-5)

De acordo com Paulo, devemos destruir cada idéia, pensamento, pretensão e argumento não-cristão. Ele está claramente descrevendo um campo de batalha intelectual, onde idéias são contrapostas umas contra outras.

Muitas pessoas supõem que o conflito é não-intelectual, mas precisamente o reverso é verdadeiro – nosso conflito com incrédulos é principalmente uma guerra entre cosmovisões, isto é, o conjunto de idéias intelectuais que estruturam nossa forma de entendimento e organização dos nossos pensamentos e percepções. O Cristianismo é uma cosmovisão – seu evangelho é uma mensagem intelectual que demanda o assentimento das pessoas, e que ao mesmo tempo contradiz todas as cosmovisões não-cristãs.

A linguagem de Paulo descreve uma campanha militar, com os crentes atacando os portões do inimigo. Estamos envolvidos numa guerra de idéias, e devemos avançar o reino de Deus pela comunicação intelectual, quer falando ou escrevendo (Efésios 6:19; João 20:31). Paulo pede aos seus leitores que orem por ele, para que sua pregação fosse eficaz (Colossenses 4:3-4); não há nenhuma estratégia alternativa ou substituta. Pregamos a doutrina correta “quer o tempo seja favorável ou desfavorável” (2Timóteo 4:2, NRSV), e não apenas quando a pregação doutrinária está em voga ou é aceitável à nossa audiência. Pregar doutrina correta e é o único programa para o avanço do reino de Deus e a promoção do crescimento cristão. Crentes professos se tornam impotentes quando interpretam incorretamente o evangelho bíblico ou rejeitam o método bíblico para comunicá-lo.

Paulo ensina que “um bispo” do povo de Deus deve ser capaz de ensinar a doutrina bíblica e refutar o erro: “Por ser encarregado da obra de Deus... é preciso que ele... apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela” (Tito 1:7-9). Em nossos termos teológicos, um ministro deve exceder tanto em teologia como em apologética. O fundamento para sua teologia e apologética deve ser “a mensagem fiel, da maneira como foi ensinada” – ele deve afirmar e defender o evangelho bíblico.

Contudo, a Bíblia não somente ordena que o ministro exceda em apologética – também ordena que todos os crentes aprendam como defender sua fé. Pedro escreve: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês” (1Pedro 3:15). O mandamento é para ser capaz de responder “a qualquer pessoa que perguntar” sobre o Cristianismo – isto é, você deve

aprender a responder ou refutar cada pessoa que pergunta ou mesma ataca sua fé a partir de qualquer perspectiva, quer sua questão ou objeção seja teológica, filosófica, ética, histórica ou científica. Para isso, é necessário considerável treinamento em teologia e apologética bíblica, que é o dever de todo crente buscar e o dever de todo ministro fornecer.

Como um cristão, você deveria saber como responder quando os incrédulos dizem: “Os cristãos são hipócritas!!”; “O Cristianismo tem visão limitada!”; “Prove-me que Deus existe!”; “Como você pode crer em Deus quando há tanto mal neste mundo?”; “Como um Deus amoroso pode mandar pessoas para o inferno para sempre?”; “Por que você crê nos milagres bíblicos?”; “Por que você crê na criação como oposta à evolução?”; ou, “Que evidência existe para a ressurreição de Cristo?”. Quando os incrédulos desafiam você com estas e outras objeções, é seu dever argumentar e vencer.¹⁹

Muitos cristãos são extremamente vulneráveis aos assaltos intelectuais de incrédulos porque os seus ministros não lhes têm ensinado teologia e apologética, e nem estes cristãos estão buscando tal conhecimento diligentemente. E porque muitos crentes são tão intelectualmente vulneráveis, os incrédulos não mais consideram a fé cristã como tendo alguma credibilidade intelectual.

Uma razão por detrás da relutância das pessoas em definir o objetivo da apologética como vencer argumentos é a falta de confiança que elas podem de fato vencer decididamente todo debate contra os incrédulos. Se eles sabem que podem de fato vencer cada argumento, então talvez eles não sejam tão antiintelectualistas como quando diz respeito à apologética. Todavia, devemos começar dando aos crentes um fundamento teológico correto, pois se o povo de Deus está sendo constantemente “levado de um lado para outro... por todo vento de doutrina” (Efésios 4:14), então a apologética eficaz será impossível. Você não pode defender a fé sem primeiro conhecer tal fé.

Thayer define corretamente a palavra traduzida como “uma resposta” (*apologia*) em 1Pedro 3:15 como “uma declaração racional ou um argumento; defesa verbal, discurso em defesa”. Da mesma forma, Wuest traduz o versículo: “... sempre estando prontos para apresentar uma defesa verbal a todo aquele que pedir uma explicação lógica com respeito à esperança que há em todos vocês”.²⁰ Isto está em harmonia com nossa afirmação que apologética de fato é sobre ganhar argumentos através de uma apresentação verbal de idéias intelectuais.

Fazer apologética não significa que persuadimos o incrédulo à fé em Cristo prometendo-lhe benefícios existenciais, como se isto fosse possível; antes, confrontamos o incrédulo com a verdade do evangelho, e demandamos que ele se submeta a tal verdade. Repetidamente, a Escritura nos convida a ganhar argumentos contra incrédulos com a intenção de aniquilar totalmente seus sistemas de pensamento, e que por isto Deus pode soberanamente converter alguns deles. Aqueles que dizem que apologética não é sobre ganhar argumentos, ou que a vida cristã não

¹⁹ Para instruções adicionais sobre defender a fé além do que está contido neste livro, veja Vincent Cheung, *Systematic Theology, Ultimate Questions e Presuppositional Confrontations*.

²⁰ Kenneth S. Wuest, *The New Testament: An Expanded Translation*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1961.

tem lugar para argumentar com nossos oponentes, têm permitido que conceitos contemporâneos de etiqueta social e tolerância religiosa colorem a sua leitura da Bíblia. Para dizer de uma forma direta: as idéias modernas de certo e errado têm feito com que as pessoas rejeitem a Bíblia.

Então, Judas escreve: “Amados, embora estivesse muito ansioso por lhes escrever acerca da salvação que compartilhamos, senti que era necessário escrever-lhes insistindo que batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos” (v. 3). Este apóstolo estava ansioso para discutir soteriologia, ou a doutrina da salvação, mas a urgência da situação demandou que ele exortasse seus leitores a “batalhar pela fé”, isto é, fazer apologética. A palavra traduzida como “batalhar” (*epagonizomai*) carrega o significado de luta ou esforço intenso. “A fé” aqui não se refere à crença subjetiva, mas ao objeto que deve ser crido, a saber, o sistema de doutrina cristã, “de uma vez por todas confiada aos santos”.

Visto que o conteúdo da fé nos foi dado “de uma vez por todas”, isto necessariamente significa que ele não pode ser mudado num tempo futuro. Isto, conseqüentemente, significa que aqueles que tentam “atualizar” o conteúdo da nossa fé não podem ao mesmo tempo alegar ter uma herança cristã ou serem amigos do Cristianismo; antes, eles são falsos profetas e hereges condenáveis. O evangelho nunca se torna obsoleto, nem se “desenvolve”. Qualquer esforço de “atualizar” ou “modernizar” o mesmo é apenas outra tentativa disfarçada de subverter a fé. Há falsas religiões que afirmam seguir a tradição cristã, mas visto que o verdadeiro evangelho foi estabelecido pelos apóstolos “de uma vez por todas”, ele não está sujeito à mudança nem no infinitesimal grau; aqueles que afirmam o contrário não têm nenhuma afiliação com o Cristianismo. Isto significa que devemos denunciar todos os teólogos liberais juntamente com todas as religiões e denominações que alegam falsamente serem cristã, tais como o Catolicismo e Mormonismo. Paulo escreve: “Como já dissemos, agora repito: Se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!” (Gálatas 1:9). Todo aquele que prega um evangelho diferente do que Paulo sofrerá a punição final.

Muitas pessoas hesitam em aceitar o significado bíblico de apologética porque pensam que argumentar é algo de certa forma cruel, e portanto, “anticristão”. Contudo, embora as interações entre os oponentes intelectuais possam algumas vezes se tornarem bastante acaloradas, isso não significa que todos os debates são conduzidos numa maneira excessivamente contenciosa. Pedro ensina que devemos fazer apologética “com mansidão e respeito” (1Pedro 3:15), mas isso é para que, por nosso raciocínio correto e bom comportamento, os nossos oponentes “fiquem *envergonhados* de suas calúnias” (v. 16). Da mesma forma, Paulo escreve: “Em tudo seja você mesmo um exemplo para eles, fazendo boas obras. Em seu ensino, mostre integridade e seriedade; use linguagem sadia, contra a qual nada se possa dizer, para que aqueles que se opõem a você fiquem *envergonhados* por não poderem falar mal de nós” (Tito 2:7-8). Pela conduta apropriada, argumentos convincentes e “linguagem sadia”, devemos fazer com que os incrédulos hostis se envergonhem. Portanto, a instrução da Bíblia de agir gentilmente para com os outros não exclui argumentar contra eles, mas isto é dado como uma forma pela qual podemos embaraçar nossos oponentes incrédulos.

Muitas pessoas assumem que ser gentil e educado significa que não devemos embaraçar os incrédulos expondo sua estupidez, e muito menos deveríamos reprimi-los severamente por suas falsas crenças e comportamento ímpio. Contudo, a Bíblia explicitamente permite ambas as coisas:

Melhor é a repreensão feita abertamente do que o amor oculto.
(Provérbios 27:5)

Tendo dito isso [Jesus], todos os seus oponentes ficaram envergonhados, mas o povo se alegrava com todas as maravilhas que ele estava fazendo. (Lucas 13:17)

Então Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, olhou firmemente para Elimas e disse: “Filho do Diabo e inimigo de tudo o que é justo! Você está cheio de toda espécie de engano e maldade. Quando é que vai parar de perverter os retos caminhos do Senhor?” (Atos 13:9-10)

Os que pecarem deverão ser repreendidos em público, para que os demais também temam. (1Timóteo 5:20)

Um dos seus próprios profetas chegou a dizer: “Cretenses, sempre mentirosos, feras malignas, glutões preguiçosos”. Tal testemunho é verdadeiro. Portanto, repreenda-os severamente, para que sejam sadios na fé... É isso que você deve ensinar, exortando-os e repreendendo-os com toda a autoridade. Ninguém o despreze. (Tito 1:12-13, 2:15)

A Bíblia nunca diz que aqueles que andam em amor devem sempre falar de maneira suave ou não ameaçadora. A repreensão severa pode ajudar algumas pessoas a se tornarem “sadios na fé”. Uma pessoa que batalha pela fé com brutalidade intelectual diante de uma audiência hostil mostra seu amor por Deus e pelos ouvintes. Em contraste, o profeta Jonas correu do seu mandato quanto Deus lhe ordenou que chamasse Nínive ao arrependimento.

Portanto, eu te exorto pela autoridade da revelação divina: Argumente! Mantenha seu caráter cristão enquanto argumenta, mas argumente com sabedoria e com força; argumente sem transigência e duramente; argumente para destruir cada premissa injustificada e demolir cada pensamento incrédulo; argumente para expor a falência intelectual de toda cosmovisão não-cristã. Não deixe que os tolos, covardes e hereges te dissuadam do seu mandato bíblico. Argumente bem, e argumente para vencer.

2. POR PALAVRA E ATITUDE

Antes de Jesus subir ao céu para estar com o seu Pai, ele disse aos discípulos para esperar pelo Espírito Santo que seria derramado sobre eles, concedendo-lhes poder para serem suas testemunhas. Atos 1:8 diz: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”. O desdobramento desta promessa nos dias dos apóstolos está registrado para nós nos Atos dos Apóstolos.

Alguns pregadores usam incorretamente Atos 1:8 para promover uma estratégia de evangelismo que enfatiza a exibição de nosso exemplo moral mais do que a pregação da mensagem do evangelho. De acordo com eles, Jesus ensina que não devemos “testemunhar” (como através de nosso discurso), mas que deveríamos antes “*sermos* testemunhas” (como através do nosso comportamento), e assim, eles inferem que o versículo ensina que deveríamos recomendar o evangelho por nossos exemplos bons e morais mais do que, se não no lugar, da nossa pregação do evangelho.

Embora eu afirme o papel das boas obras em fornecer aos observadores uma representação atrativa do que Deus realiza nos eleitos através do evangelho, não podemos “evangelizar” através dos nossos estilos de vida piedosos sem uma mensagem verbal. De fato, não há nenhum evangelismo sem uma mensagem verbal, e a eficácia da nossa conduta piedosa em influenciar os observadores pressupõe uma forte apresentação verbal do evangelho em primeiro lugar. A mentalidade antiintelectual que tem ganho um apoio entre os incrédulos tem também permeado muito da igreja. Embora há muitos anos atrás os cristãos costumavam ser acusados de serem “muito intelectuais”, hoje em dia eles se orgulham de serem vistos como irracionais e auto-contraditórios, embora estas não sejam características da fé bíblica.

Primeiro, vejamos que uma mensagem verbal da parte de Deus somente é suficiente para estabelecer a obrigação moral. Em outras palavras, mesmo que não seja acompanhada por uma representação consistente comportamental, uma comunicação intelectual da vontade de Deus fornece uma base intelectual e autoritativa sobre a qual a responsabilidade moral é agora demandada do ouvinte. Isto é, visto que Deus possui autoridade última, se o conteúdo de uma mensagem vem de Deus, então o ouvinte está obrigado a obedecer, quer o mensageiro viva ou não a mensagem que ele entrega. O conhecimento dos mandamentos divinos cria imediatamente uma obrigação moral sobre aquele que adquiri tal conhecimento. Mesmo aqueles que nunca ouviram o evangelho são considerados responsáveis por causa do conhecimento inato que possuem sobre Deus e suas leis morais (Romanos 1-3). Visto que Deus agora “ordena que todos, em todo lugar, se arrependam” (Atos 17:30), todo aquele que ouve a mensagem do evangelho deveria “obedecer o evangelho de Deus” (1Pedro 4:17). Isto é verdadeiro quer ou não o cristão que pregue demonstre santidade e retidão em sua conduta. Portanto, a questão pivô no evangelismo não é o estilo de vida do crente, mas o conteúdo e clareza de sua pregação.

Certamente, isto não é endossar ou encorajar a hipocrisia entre os crentes, mas é deixar claro que a falha moral do pregador não anula a obrigação moral do ouvinte, visto que a mensagem pregada vem de Deus. Assim, não estamos dizendo que o crente pode viver inconsistentemente com a fé que ele professa. Como Tiago nos

lembra: “Assim como o corpo sem espírito está morto, também a fé sem obras está morta” (Tiago 2:26). Antes, estamos dizendo que, (1) A mensagem verbal do evangelho precede *logicamente* ao exemplo moral que acentua sua atratividade e credibilidade, mesmo se em alguns casos o exemplo moral preceda *cronologicamente* a apresentação verbal; (2) O pecador não tem nenhuma escusa para rejeitar o evangelho, mesmo que o cristão falhe em viver o que ele prega. Enquanto a mensagem for fiel à revelação bíblica, ela é a palavra de Deus para o ouvinte, carregando uma autoridade que não precisa da conduta consistente do cristão para confirmá-la.

É verdade que um cristão peca quando desobedece aos mandamentos de Deus, e seu pobre comportamento pode criar uma pedra de tropeço para o pecador. De fato, o fracasso moral de alguns ministros e crentes, e algumas vezes até mesmo a sua falta de excelência, faz com que muitas pessoas se tornem desiludidas e desgostosas com a fé cristã. Contudo, isto não é porque o fracasso moral de alguns cristãos professos invalide de alguma forma a fé cristã, visto que a própria fé cristã afirma que os cristãos continuarão a pecar após a conversão, embora devessem de fato exibir um estilo de vida radicalmente transformado. O problema real é que o pecador conclui irracionalmente que simplesmente porque alguns que alegam ser cristãos falham em viver a fé cristã, isto de alguma forma torna a fé cristã menos crível. A conclusão simplesmente não procede das premissas.

Portanto, ao invés de permitir que toda a culpa caia sobre os cristãos, até mesmo os que são hipócritas, devemos expor o fato de que os incrédulos são estúpidos por raciocinar da forma como fazem. O pecador nunca está isento de crer e obedecer à mensagem do evangelho, visto que ao rejeitá-la, ele peca por desafiar a palavra de Deus – a hipocrisia daqueles que alegam ser cristãos (quer sejam cristãos reais ou não) é logicamente irrelevante. A pregação do evangelho sozinha já fornece uma base suficiente para a fé, e torna o ouvinte responsável de aceitá-la. Ela é frequentemente eficaz também – há aqueles que, tendo sido regenerados por Deus, percebem que o evangelho é verdadeiro, a despeito do mau comportamento de alguns cristãos professos, e quem estão chega prontamente ao arrependimento e fé em Cristo.

Por outro lado, não podemos dizer a mesma coisa sobre um exemplo moral isolado, embora muitas pessoas falsamente creiam que uma pessoa pode ganhar outras para Cristo sem dar prioridade a uma mensagem verbal cheia de informação relevante. A comum concepção errônea de que uma pessoa pode ser uma testemunha de Cristo primariamente através do seu estilo de vida moral não se originou a partir de um cuidadoso estudo exegético da Escritura, mas antes reflete a infiltração de filosofias não-cristãs na igreja.

Winfried Corduan relata o seguinte em seu livro, *No Doubt About It*:

Nosso conselho adotou o hábito de se reunir após o culto de Domingo num restaurante... Uma semana a conversação se voltou para o evangelismo. Alguns de nós compartilhamos como tínhamos tentado apresentar a outros o evangelho e a comum mistura de sucesso ou falta dele. Linda tinha ficado quieta até então, aparentemente mais absorvida em seu bolo de sorvete de morango do que na conversa. Num momento de

silêncio ela interrompeu: “Eu não preciso testemunhar com palavras; eu tento compartilhar meu testemunho através da minha vida...”¹

Muitos cristãos professos pensam de maneira similar, dizendo que é possível ou até mesmo preferível ser uma testemunha de Cristo através das suas vidas *no lugar da* proclamação verbal. Como Corduan escreve:

Sempre tenho ficado perplexo com pessoas como Linda que dizem estas coisas (e ela não está sozinha). Em primeiro lugar, não sei como muitas pessoas levam tais vidas obviamente cristãs de forma que todo mundo possa ver inequivocamente Jesus nelas. Isso não significa que nossas vidas não devem ser claros testemunhos de Cristo (elas deveriam)... mas eu fico impressionado com a recusa que algumas pessoas dão até mesmo ao mínimo testemunho verbal de Cristo...²

Um testemunho não-verbal é também um testemunho anti-bíblico, pois o próprio significado da palavra “testemunha” em Atos 1:8 refere-se a alguém que testifica verbalmente do seu conhecimento pessoal sobre a realidade objetiva, como num tribunal. Os primeiros discípulos foram testemunhas diretas da vida, ensinamentos, transfiguração, morte e ressurreição de Cristo. Pedro escreve que eles foram “testemunhas oculares da sua majestade” (2Pedro 1:16).³ Similarmente, João diz:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam isto proclamamos a respeito da Palavra da vida. A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada. Nós lhes proclamamos o que vimos e ouvimos para que vocês também tenham comunhão conosco. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. (1João 1:1-3)

O que ele viu e ouviu, João diz que *proclama* para nós – isto é, na forma de um testemunho verbal, e não em seu estilo de vida, embora seu estilo de vida fosse consistente com sua mensagem.

Portanto, ser uma testemunha de Cristo significa primariamente fornecer testemunho verbal sobre ele pela mensagem completa do evangelho. Por exemplo, Paulo escreve:

Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras, e

¹ Winfried Corduan, *No Doubt About It*; Nashville, Tennessee: Broadman & Holman Publishers, 1997; p. 25.

² *Ibid.*, p. 43.

³ *New International Encyclopedia of Bible Words*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1991; “Testify/Witness/Testimony”. *Theological Dictionary of the New Testament*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company; “martyreō”.

apareceu a Pedro e depois aos Doze. Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido. Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; depois destes apareceu também a mim, como a um que nasceu fora de tempo. (1Coríntios 15:3-8)

Guardando em mente que nossa função como testemunhas é primariamente oferecer testemunho verbal, há também um lugar, como num tribunal, para fornecer evidência correspondente para o nosso testemunho, e isto pode incluir nosso exemplo moral. Contudo, nosso exemplo moral na melhor das hipóteses funciona como evidência adicional da mensagem do evangelho – ele não pode transmitir a mensagem em si.

Uma estratégia evangelística não-verbal não somente é anti-bíblica, mas impossível. Não existe tal coisa como evangelismo não-verbal. A mensagem do evangelho é tal que deve ser falada ou proclamada, e não meramente “vivida”. A ação não fala mais alto do que as palavras. De fato, a ação nunca fala de forma alguma; antes, aquele que realiza a ação deve explicá-la, ou aquele que percebe a ação deve interpretá-la. Algumas pessoas parecem pensar que a ação exhibe inerentemente significado e propósito, mas isso é porque eles falham em observar que eles já pressupõem certas premissas pelas quais estão interpretando a situação.

Por exemplo, suponha que você observe um homem tomar o braço de uma velha senhora, e juntos atravessarem a rua. Por si mesma, a observação não oferece nenhuma informação sobre o homem, a mulher, a intenção do homem, a natureza da ação (se ele está ajudando ou seqüestrando a mulher), a moralidade da ação (quer seja boa ou não), se o homem é um cristão, ou se ele está realizando a ação *como* um cristão. Nenhum destes itens pode ser validamente inferido a partir da observação da ação.

Todavia, você pode fazer certas suposições sobre estes itens de qualquer forma. Por exemplo, observando a ação, você pode imediatamente assumir que o homem está ajudando a mulher a atravessar a rua por compaixão. Contudo, a idéia de que ele está *ajudando* e que está fazendo isso por *compaixão* não pode ser inferida a partir da observação – você tem que assumir estas coisas sem garantia estrita e apropriada. Você tem que importar para o ato de observação suposições e categorias de pensamento que a observação em si não transmite.

O ponto é que nenhuma ação ou observação da ação é significativa até que interpretada, e a direção que a interpretação toma é controlada pelas suposições interpretadas na situação pelo intérprete. Se estas suposições estão erradas, então a interpretação será errada, e as suposições apropriadas nunca poderão proceder da observação em si. Como o observador sabe que o homem não está tentando seqüestrar a mulher? Não ajuda dizer que o homem é gentil com a mulher, visto que isto somente expõe duas suposições que a observação em si não pode transmitir, a saber: (1) O observador assumiu uma definição e padrão de gentileza não adquirida da observação em si, e (2) O observador assumiu que os seqüestradores não são gentis quando abduzem suas vítimas. Estas suposições não procederam da ação ou da observação da ação; antes, foram importadas pelo observador para “ajudar” em dar significado ao que ele vê.

Deus criou todos os homens à sua imagem, e o incrédulo não é uma exceção. Tendo sido criado à imagem de Deus, o incrédulo possui conhecimento inato sobre Deus e suas leis morais. Assim, ele é potencialmente capaz de reconhecer ações morais e hábitos piedosos quando os percebe; contudo, sendo pecaminoso e depravado, ele suprime este conhecimento, de forma que se opõe ao que inatamente conhece como sendo verdadeiro. Em adição, seu conhecimento inato é insuficiente para salvação. Portanto, é necessário para o cristão articular verbalmente, quer em discurso ou em escrita, a mensagem da salvação, tornando explícita a informação sobre Deus, Cristo, o homem, o pecado e a salvação. Se o Espírito Santo iluminar soberanamente a mente do pecador, então ele chegará a ver o exemplo moral do cristão através da estrutura mental correta, e assim, reconhecerá tal exemplo como uma atestação da verdade e poder do evangelho.

Em outras palavras, uma ação em si mesma não carrega nenhum significado, mas deve ser interpretada baseada no que reside na mente do observador. Se a pessoa que observa a ação possui falsas suposições relevantes para a situação, ele formará uma interpretação errônea. A Bíblia ensina que Deus deu a todo mundo o conhecimento inato verdadeiro sobre si mesmo e seus mandamentos morais. Por esta razão, o pecador é potencialmente capaz de interpretar corretamente os milagres e condutas cristãs – e de fato tudo da criação – como dando suporte para o evangelho; contudo, através da sua mente ímpia e depravada, ele tem suprimido este conhecimento. Portanto, é absolutamente necessário para o cristão proclamar verbalmente o evangelho.

O que as pessoas poderiam inferir de observar que Pedro levantou um homem coxo, e que tal homem foi curado (Atos 3:1-10)? Absolutamente nada – isto é, a menos e até que o observador saiba que Pedro fez o que fez como um cristão, em nome de Jesus, e que ele creditou este milagre à misericórdia de Deus e ao poder de Jesus Cristo. Contudo, o milagre em si não transmitiu tal informação (v. 11-12), e Pedro teve que pregar o evangelho para os observadores (v. 13-26). Visto que toda informação foi transmitida pela pregação, a pregação sozinha teria fornecido informação suficiente para salvação, embora agradou a Deus usar o milagre de cura neste caso como um meio pelo qual captar o povo para ouvir e aceitar a mensagem. O mesmo se aplica ao exemplo moral de um cristão – por si mesmo, o exemplo não transmite nenhuma informação nem converte ninguém; mas o cristão deve proclamar uma mensagem verbal mais cedo ou mais tarde. Embora apenas um exemplo moral não possa converter um pecador, a pregação do evangelho sozinha pode fazer isso; portanto, o crente sempre deve dar a ênfase primária a pregar uma mensagem verbal.

Contra isto, algumas pessoas podem mencionar uma passagem bíblica como 1Pedro 3:1-2 como a base para uma objeção: “Do mesmo modo, mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, a fim de que, se ele não obedece à palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês” (1Pedro 3:1-2). Esta passagem diz que os maridos incrédulos podem ser “ganhos *sem palavras*”, mas isto descreve a conduta reverente das esposas, que recebe a ênfase somente após ter sido estabelecido que os maridos “não obedecem à palavra”.⁴ Se sabemos que estes maridos “não obedecem à *palavra*”, então isto significa que “a palavra” já foi pregada para eles!

⁴ Nota do tradutor: “Não crêem na palavra”, na versão utilizada pelo autor (NIV).

Visto que a palavra já foi pregada a eles, isto significa que os maridos estão plenamente conscientes que a “conduta honesta e respeitosa”⁵ das suas esposas é exibida *como cristãs*. A menos que a palavra de Deus tenha sido pregada para eles, seria impossível para os maridos associar o bom comportamento das suas esposas à fé cristã. Pedro de fato está dizendo que o comportamento piedoso pode algumas vezes ser instrumental na conversão, mas ele pressupõe a necessidade de uma mensagem verbal. A conduta reverente das esposas é somente o meio pelo qual Deus pode fazer com que alguns dos maridos eleitos reconsiderem e aceitem “a palavra” na qual devem crer para serem salvos.

A Confissão de Fé de Westminster declara: “A graça da fé, pela qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles, e é ordinariamente operada pelo ministério da palavra” (XIV.1). Sobre esta seção da Confissão, um teólogo escreve: “Esta obra de Deus em nossas mentes, fazendo-nos crer, é ordinariamente – alguém poderia dizer sempre – realizada por meio da Palavra... Visto que a fé salvadora chega somente através da Palavra de Deus, uma pessoa pode facilmente entender o porquê colocamos tão grande ênfase sobre a Palavra e sobre ela ser pregada”.⁶ Dizer que a fé é “ordinariamente” gerada através da palavra significa apenas que: “Não negamos que Deus pode regenerar um retardado, um louco, ou um infante moribundo. Nestes casos a pessoa é mentalmente incapaz da atividade da fé, de forma que deve ser salvo à parte de um entendimento da Palavra.⁷ Mas isto não é assim quando as operações mentais comuns não estão impedidas. Um homem não deve crer no evangelho”.⁸

Recapitulando: mesmo quando desacompanhada por nosso exemplo moral, a pregação do evangelho sozinha é autoritativa e frequentemente eficaz no evangelismo; em contraste, sem a pregação do evangelho, nosso exemplo moral sozinho nunca é autoritativo, eficaz ou significativo. A mensagem do evangelho por si mesmo, sem nosso exemplo moral, tem inerente nela o poder para salvar e é suficiente como o objeto de crença para o ouvinte. Para o nosso exemplo moral ser significativo e instrumental em levar o povo a Cristo, devemos dar ênfase primária à pregação do evangelho.

Embora o exposto acima seja verdadeiro, o padrão bíblico é que apresentemos a nós mesmos como pessoas a quem Deus soberanamente regenerou e converteu, e assim, receberam a disposição para a santidade e retidão. Todavia, para esta realidade significar algo na apresentação de Cristo ao perdido, devemos ou apresentar primeiro a mensagem do evangelho, ou apresentá-la uma vez que tivermos ganho a atenção das pessoas por um estilo de vida bíblicamente endossado. Seja qual for a ordem apresentada, o aspecto verbal e intelectual do evangelismo é preeminente. Como Paulo escreve: “Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue?” (Romanos 10:14).

⁵ Nota do tradutor: “Pureza e reverência”, na versão utilizada pelo autor (NIV).

⁶ Gordon H. Clark, *What Do Presbyterians Believe?*; Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1965; p. 144.

⁷ Isto não significa que todos os loucos e infantes sejam regenerados, mas sim que todos os loucos e infantes *eleitos*.

⁸ Clark, p. 144.

Paulo escreve que aprender os conteúdos do evangelho é “de primeira importância” (1Coríntios 15:3, NIV). Ao mesmo tempo, Jesus ordena: “Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus” (Mateus 5:16). Mas como as pessoas saberão que realizamos nossas boas obras como cristãos, e que elas deveriam glorificar nosso Pai no céu, a menos que lhes digamos? Embora uma falta do nosso exemplo moral nunca tomará a crença impossível para os incrédulos, um fracasso para apresentar o evangelho de fato torna a crença impossível para eles, visto que então não terão nada para crer.

Outra implicação é que para sermos testemunhas fiéis e eficazes de Jesus Cristo, devemos primeiro adquirir um entendimento abrangente e correto da fé cristã. Devemos nos tornar proficientes em questões teológicas e bíblicas, e capazes de transmitir nosso conhecimento aos incrédulos duma maneira inteligível e ordenada. Devemos ser capazes também de fornecer justificação para o que cremos, pois como Pedro diz: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês” (1Pedro 3:15). Mas devemos nos comprometer também a um tipo de vida caracterizado por santidade e retidão, de forma que “os que falam maldosamente contra o bom procedimento de vocês, porque estão em Cristo, fiquem envergonhados de suas calúnias” (v. 16).

3. A LUZ DAS NOSSAS MENTES

Um aspecto importante de muitas tradições religiosas e ensinamentos ocultistas tem a ver com a obtenção de iluminação espiritual. A Bíblia não é silente sobre o assunto, e sob examinação, descobrimos que quando diz respeito à natureza e fonte da iluminação espiritual, há contradições marcantes entre a cosmovisão bíblica e as cosmovisões não-bíblicas, e até mesmo muito do que alega ser uma teologia evangélica hoje se desvia da revelação bíblica. O cristão deve aprender o que a Escritura tem a dizer sobre o assunto, de forma que possa se apegar firmemente aos seus ensinamentos, e não ser enganado pelas doutrinas de demônios ocultas em vestimentas de sabedoria e virtude falsificadas.

A partir de 2Coríntios 4:4-6, derivaremos vários pontos sobre a verdadeira iluminação, especialmente sobre sua relação com a mensagem do evangelho. No processo, tomaremos também a oportunidade para esclarecer a natureza e o conteúdo do próprio evangelho:

O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Mas não pregamos nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por causa de Jesus. Pois Deus, que disse: “Das trevas resplandeça a luz”, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.¹

¹ Embora muitos comentaristas assumam que o “deus desta era” (*ho theos tou aiōnos toutou*) refere-se a Satanás, isto não é tão óbvio como parece a princípio. A frase exata não aparece em nenhum outro lugar nos escritos de Paulo, e é comum este apóstolo referir-se a Deus com *ho theos*. Além do mais, alguns vêem evidência para o uso desta expressão em referência a Deus em Daniel 5:23 da Septuaginta e Tobias 14:6 da Apócrifa (*ton theon tou aionos*).

Muitas pessoas afirmariam que o “deus desta era” aqui deve se referir a Satanás, simplesmente por causa da sua pressuposição de que Deus nunca impediria alguém de entender verdades espirituais; contudo, se pensam dessa forma, estão impondo seus preconceitos teológicos não justificados sobre o texto. A Escritura indica que Deus de fato retém a visão espiritual de muitas pessoas. Citando Isaiás 29:10, Paulo escreve: “Deus lhes deu um espírito de atordoamento, olhos para não ver e ouvidos para não ouvir, até o dia de hoje” (Romanos 11:8). E o próprio Jesus diz: “Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos, e as revelaste aos pequeninos” (Mateus 11:25).

Por outro lado, embora não exista paralelos exatos da expressão em questão com referência a Satanás, a Escritura indica em outro lugar que Satanás é o “governador” daqueles que não crêem: “Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência” (Efésios 2:1-2). Em adição, a visão de que Satanás é “o deus desta era” ganha algum suporte ao se apelar a escritos extra-bíblicos tais como aqueles de Inácio e certos documentos rabínicos. Quanto a “poderosos desta era” em 1Coríntios 2:6,8, a expressão refere-se aos líderes responsáveis pela crucificação de Cristo (ou aqueles de quem eles são um tipo; v. 8b) e outros homens respeitáveis da época (como julgados pelos padrões mundanos; 1:25-30), e não se refere a Satanás ou aos espíritos demoníacos.

Uma pessoa não deveria rejeitar nenhuma interpretação com precipitação. Para o nosso propósito, assumiremos que “o deus desta era” é Satanás, enquanto guardamos em mente o ensino da

A MENSAGEM INTELECTUAL

Paulo escreve que o deus desta era cega *as mentes* dos incrédulos – isto significa que a natureza da cegueira espiritual é *intelectual*. Hoje em dia, quando até mesmo cristãos professos têm sucumbido ao extremo antiintelectualismo, muitas pessoas assumem que a cegueira espiritual é não-intelectual; antes, o problema reside em algum aspecto “espiritual” indefinido no homem. Da mesma forma, eles consideram a conversão como sendo algum tipo de evento supra-racional, se não um evento totalmente sub-racional ou anti-racional. Contudo, eles falham em ver que a Escritura nunca distingue o espiritual e intelectual desta maneira.

Quando a Escritura refere-se a algo como “espiritual”, ela frequentemente está apenas enfatizando a natureza espiritual dos conceitos e atividades intelectuais – isto é, está se referindo ao *tema* dos conceitos e atividades intelectuais. Ao invés de tratar com conceitos intelectuais relacionados com, digamos, física ou história, estamos tratar com conceitos espirituais; todavia, a natureza destes conceitos permanece intelectual. Por exemplo, podemos dizer que a química é um assunto científico e que a religião é um assunto espiritual, mas isto não significa que tratamos com estes assuntos usando duas partes separadas do nosso ser. Antes, usamos nossas *mentes* para tratar tanto com química como religião; ambos – os assuntos científicos e religiosos – são assuntos *intelectuais*.

Romanos 8:5 diz: “Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja”. Viver no espírito não significa viver através do “espírito” como uma parte do homem distinta do intelecto, mas significa que a mente se focará e se conformará aos preceitos de Deus. A noção popular do homem como uma tricotomia consistindo de espírito, alma e corpo (e que o espírito é diferente da alma) deveria ser substituída com a noção bíblica do homem como uma dicotomia ou dualidade, consistindo de um aspecto material ou corpóreo (corpo) e um aspecto imaterial e incorpóreo (alma ou espírito).

Paulo consistentemente atribui a cegueira espiritual à mente: “Porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se” (Romanos 1:21); “Eles estão obscurecidos no entendimento e separados da vida de Deus por causa da ignorância em que estão, devido ao endurecimento do seu coração” (Efésios 4:18). Portanto, a cegueira para as coisas espirituais somente significa uma cegueira intelectual sobre coisas espirituais, e sua eliminação envolve e requer uma operação sobrenatural sobre a mente. Se é a mente que é cegada, então é também sobre a mente que Deus opera quando muda a disposição má do pecador, de forma que o mesmo possa ver a verdade do evangelho, e ser convertido.

Escritura de que até mesmo as atividades de Satanás estão sob o controle completo e soberano de Deus. Portanto, o que quer que Satanás faça é feito somente como um agente secundário para cumprir os decretos soberanos de Deus, e isto inclui cegar as mentes dos homens. Em adição, mesmo que a expressão realmente refira-se a Satanás nesta passagem, a Bíblia ainda ensina que Deus pode e de fato cega (e também abre) as mentes dos homens para a verdade espiritual como lhe apraz. Como Romanos 9:18 diz: “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer”. Sem estabelecer conclusivamente o significado da expressão, continuaremos para examinar a natureza da cegueira espiritual em si.

Ao dizer que os problemas espirituais são problemas *intelectuais*, não estamos sugerindo que os problemas espirituais são problemas *acadêmicos*, ou que a cegueira espiritual é causada puramente por uma carência de educação ou informação. Não queremos dizer que alguém possa aprender o evangelho somente num ambiente acadêmico, ou que somente alguém com educação possa aceitá-lo ou rejeitá-lo. Antes, por “intelectual”, queremos somente dizer “da ou pertencente à mente”; isto é, a cegueira espiritual é um problema da e na mente, e a mensagem do evangelho é dirigida a, entendida pela, e aceita ou rejeitada pela mente, em oposição a outras (reais ou imaginárias) partes ou aspectos da pessoa humana. Estamos articulando a partir de 2Coríntios 4:4-6 a localização e natureza da cegueira espiritual, enfatizando que o ponto pivô é a mente, tornando claro assim que a rejeição do evangelho é um ato do intelecto. De acordo com a Escritura, a resistência contra o evangelho procede de uma mente obscura, ímpia e distorcida.

Se admitem explicitamente um conceito de mal de alguma forma, alguns humanistas e falsas religiões ensinam que o mal é causado somente por uma falta de educação ou informação, e correspondentemente, a solução para o mal é a educação. Contudo, os cristãos não podem aceitar esta falsa explicação, visto que a definição de mal deles é anti-bíblica (eles não vêem o mal como uma desobediência aos preceitos divinos), e a sua “educação” não se refere ao conhecimento de Deus através da Escritura.

Em contraste, a Bíblia ensina que os problemas do homem envolvem mais do que uma simples carência de educação e informação, mas que há uma disposição má na mente dos incrédulos que os impedem de ver a verdade e glória do evangelho, mesmo quando alguém lhe apresenta o mesmo com ampla informação e argumentos. Em outras palavras, o incrédulo é “estúpido” no pior sentido da palavra; o não-cristão é um completo idiota, e incurável pelo poder humano. Porque o seu problema não é somente uma falta de informação, mas também uma falta de inteligência,² Deus deve curar sua mente antes que ele possa processar corretamente a informação espiritual necessária para a sua salvação, isto é, o evangelho.

Embora a cegueira espiritual seja intelectual, e embora possamos ver propriamente a pregação como uma forma de educação, a regeneração e a conversão não ocorrem pela educação sozinha, pois o incrédulo não pode ver a “luz” na informação (o evangelho) que apresentamos diante ele. Permanece o fato que a cegueira é intelectual, mas o ponto é que além da nossa pregação, Deus deve operar no pecador por seu poder, de forma a eliminar sua cegueira e alterar sua disposição, e assim convertê-lo.

Que a cegueira espiritual é intelectual necessariamente implica que o seu oposto também é intelectual. Através deste entendimento da cegueira espiritual, podemos entender mais corretamente a comissão que Jesus deu a Paulo: “Eu o livrarei do seu próprio povo e dos gentios, aos quais eu o envio para abrir-lhes os olhos e

² Algumas pessoas objetarão que muitos não-cristãos são inteligentíssimos; contudo, eles estão usando padrões de aferição anti-bíblicos. A Escritura diz que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Provérbios 9:10), e que aqueles incrédulos que alegam serem sábios são de fato tolos (Romanos 1:22). Assim, Deus infalivelmente declara que todos os não-cristão são estúpidos.

convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus, a fim de que recebam o perdão dos pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim” (Atos 26:17-18). “Abrir-lhe os olhos”, isto é, curar sua cegueira espiritual, é “convertê-los das trevas para a luz”, e assim conceder-lhes entendimento. Em conexão com nossa discussão de 2Coríntios 4:4, isto significa que o ministério de Paulo traria iluminação intelectual sobre a salvação àqueles que eram espiritualmente cegos e ignorantes.

O exposto acima necessariamente implica que nenhum não-cristão é sábio ou iluminado segundo o padrão de Deus. De acordo com a Escritura, todos os incrédulos são intelectualmente defeituosos e cegos. Visto que Deus determina e conhece tudo da realidade, seus pensamentos e percepções são certamente reais e verdadeiros, de forma que o que Deus pensa sobre os incrédulos reflete infalivelmente a verdade sobre eles. Portanto, de uma perspectiva bíblica, todos os não-cristão são estúpidos e maus.

Mesmo alguns cristãos professos que têm sido influenciados por uma cosmovisão anti-bíblica podem resistir a tal baixa estima da humanidade pecaminosa, mas Paulo declara que os incrédulos são de fato aqueles que “suprimem a verdade pela injustiça” (Romanos 1:18). Seus pensamentos são fúteis, e seus corações tolos são obscurecidos (v. 21); embora eles considerem-se sábios, são tolos (v. 22). Estes são “indesculpáveis” (v. 20), de forma que a ira de Deus é revelada contra eles (v. 18).

Alguns eruditos cristãos tentam suavizar a linguagem da Bíblia, e declaram que as mentes dos não-cristãos são defeituosas somente no sentido moral – isto é, embora eles sejam inteligentes, suas disposições más compelem-os a traçar falsas conclusões. Mas isto não é o que a Escritura diz; antes a Escritura afirma que os não-cristãos são defeituosos *tanto* no sentido moral *como* intelectual – isto é, os incrédulos não agem como estúpidos e maus somente porque são maus, mas agem como estúpidos e maus porque eles são tanto estúpidos como maus. Somente Deus pode mudar uma pessoa como esta pela regeneração. Como Jesus diz: “Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo” (João 3:3).

Em nossa passagem, visto que Paulo está descrevendo a cegueira espiritual para com o evangelho, visto que a cegueira espiritual é intelectual, e visto que a iluminação espiritual é intelectual, segue-se necessariamente que o evangelho, o qual o cego rejeita e o iluminado aceita – também é intelectual. O evangelho não é místico, experimental, supra-racional, sub-racional ou irracional. Certamente ele é espiritual, mas isto somente significa que ele é uma mensagem intelectual sobre um tema espiritual, no sentido que a química é científico. Visto que Paulo declara que aqueles que rejeitam o evangelho rejeitam o mesmo pela mente, aqueles que o aceitam o fazem também pela mente. Visto que o evangelho é intelectual, isto significa que quando pregamos o evangelho, estamos dirigindo a mensagem à mente.

A verdadeira iluminação espiritual envolve um aprimoramento do intelecto e um aumento do entendimento. Paulo diz aos eleitos que Deus “derramou sobre nós com toda a sabedoria e entendimento” (Efésios 1:8). Quando Deus salva um homem, a parte dele que é afetada é também a parte que é à imagem de Deus, a

saber, a mente. Assim, Colossenses 3:10 diz que o “novo homem... está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador”.

Em adição, somente a verdadeira informação espiritual pode trazer verdadeira iluminação espiritual. Abraçar falsas doutrinas com a mente não é iluminação, mas engano espiritual. Portanto, rejeitamos a noção de que Deus se agrada com uma pregação inexata, mas “sincera”. Além do mais, visto que a iluminação espiritual é intelectual, segue-se necessariamente que a informação com a qual a mente é iluminada é proposicional; de outra forma, a informação seria sem significado e ininteligível. Isto contradiz aqueles que dizem que o conhecimento ou iluminação espiritual pode vir através da experiência, mística ou qualquer outra, mas permanece o fato que, visto que a iluminação espiritual é intelectual em natureza, a informação com a qual se é iluminado deve ser numa forma que a mente possa definir e captar.

Por si mesma, uma experiência não pode oferecer nenhuma informação. Em primeiro lugar, porque nenhuma experiência têm significado, uma pessoa deve interpretá-la, e ninguém pode evitar usar as pressuposições e categorias já presentes em sua mente ao interpretar qualquer experiência. Portanto, nem todo mundo interpreta uma experiência da mesma forma. Se este é o caso, o que se supõe que a experiência transmite? Isto nunca pode ser decidido por um apelo à própria experiência. Em todo caso, uma vez que uma pessoa deriva um significado de certa experiência, este conhecimento se torna proposicional. Para evitar isto, ela não deve interpretar a experiência de forma alguma, em cujo caso ela não significará nada, de forma que falha em transmitir qualquer informação que possa iluminar a mente.

Resumindo, dizer que a cegueira e iluminação espiritual são intelectuais significa que nossa pregação do evangelho deve ser inteligível na apresentação, convincente na argumentação, coerente na organização e exata na formulação. Nossa pregação deve consistir de proposições coerentemente arranjadas e claramente apresentadas às mentes dos nossos ouvintes. Quer para evangelização ou edificação, a pregação doutrinária genuína nunca pode ser substituída pelas experiências, orações, músicas, confraternizações e rituais.

A MENSAGEM CRISTOLÓGICA

Enquanto 2Coríntios 4:4 mostra que o evangelho é intelectual, os versículos 5 e 6 adicionam que o evangelho é cristológico: “Mas não pregamos nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por causa de Jesus... para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo”.

A partir da nossa discussão anterior, entendemos que o “conhecimento” no versículo 6 não é uma apreensão mística ou alguma outra coisa não-intelectual da verdade; antes, ela é uma compreensão intelectual de e um assentimento ao evangelho, e visto que este conhecimento é intelectual, ele é também proposicional.

A “luz” deste conhecimento “da glória de Deus” é encontrada “na face de Cristo”. Como enfatizaremos adicionalmente no que se segue, Deus é a fonte de todo

conhecimento espiritual, mas ele concede tal conhecimento somente através de Jesus Cristo. O próprio Jesus insistiu: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (João 14:6).

Não há inúmeros caminhos para Deus – há somente um, e Jesus chama a si mesmo de “o caminho”. A verdade não é relativa ou mutável – há somente uma verdade eterna e imutável, e Jesus chama a si mesmo de “a verdade”. Os escritores do Novo Testamento o identificam como o *logos*, isto é, o eterno e imutável princípio de ordem no universo (João 1:1; Colossenses 1:17; Hebreus 1:1-3, 13:8). Visto que isto é verdadeiro, somente Jesus Cristo é “a vida”, enquanto todos os outros caminhos levam inevitavelmente à morte e tormento eterno. Jesus diz: “Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim”. À parte de Cristo, há somente desespero, morte e condenação.

Em outro lugar, Jesus declara: “Aquele que não está comigo, está contra mim; e aquele que comigo não ajunta, espalha”. (Mateus 12:30). Jesus declara que não existe um terreno neutro – o que não é explicitamente cristão é de fato anticristão. Assim, devemos não somente condenar todas religiões e filosofias anti-cristológicas, mas devemos também condenar aquelas que parecem ser meramente não-cristológicas.

Paulo escreve que devemos “destruir argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levarmos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo” (2Coríntios 10:5). Certamente, isto não significa que toda declaração que alguém faça deva explicitamente mencionar Cristo. Contudo, permanece o fato que devemos forçosamente subjugar (pelo poder divino) toda declaração ou pensamento, que não reconheça pelo menos implicitamente a autoridade última de Cristo. O poder divino para realizar isto não se manifesta através da violência física, visto que “as armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas” (2Coríntios 10:4). Nós triunfamos sobre as religiões e cosmovisões adversárias através da argumentação racional, totalmente fundamentada sobre a revelação bíblica, e energizada pelo Espírito Santo.

Referindo-se à obra missionária de Paulo aos Tessalonicenses, Lucas escreve: “Segundo o seu costume, Paulo foi à sinagoga e por três sábados discutiu com eles com base nas Escrituras” (Atos 17:2), e mais tarde em Corinto: “Todos os sábados ele debatia na sinagoga, e convencia judeus e gregos” (Atos 18:4). Da mesma forma, Apolo “refutava vigorosamente os judeus em debate público, provando pelas Escrituras que Jesus é o Cristo” (Atos 18:28). Nossa mensagem intelectual e cristológica é também uma mensagem invencível.

Qualquer mensagem que não seja cristológica no sentido bíblico é na realidade anticristã. Para uma mensagem ser cristológica no sentido bíblico, ela não deve advogar meramente um conceito abstrato de “Cristo” como um exemplo de moralidade ou iluminação mística. A mensagem deve reconhecer implícita ou preferencialmente explicitamente o Cristo completo e não adulterado. Isto inclui a pré-existência e divindade de Cristo, o nascimento virginal, a encarnação e humanidade, a vida e o ministério terreno, a expiação através do seu sofrimento e morte substitutiva, sua ressurreição física, e seu futuro retorno como juiz de todos.

O Cristo da Escritura é Deus manifesto em carne humana. Ele é plenamente Deus e plenamente homem. João testifica: “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Ele também nos adverte contra qualquer distorção ou negação da encarnação de Cristo: “Vocês podem reconhecer o Espírito de Deus deste modo: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus; mas todo espírito que não confessa Jesus não procede de Deus. Esse é o espírito do anticristo, acerca do qual vocês ouviram que está vindo, e agora já está no mundo” (1João 4:2-3)..

O verdadeiro Cristo é o Jesus histórico de Nazaré. Em 1Coríntios 15:1-8, Paulo resume pelo menos parte da mensagem do evangelho que ele pregava, colocando grande ênfase sobre a natureza histórica da obra redentora de Cristo:

Irmãos, quero lembrar-lhes o evangelho que lhes preguei, o qual vocês receberam e no qual estão firmes. Por meio deste evangelho vocês são salvos, desde que se apeguem firmemente à palavra que lhes preguei; caso contrário, vocês têm crido em vão. Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Pedro e depois aos Doze. Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido. Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; depois destes apareceu também a mim, como a um que nasceu fora de tempo.

Paulo indica que um conceito claro e a fé no Jesus histórico e sua obra de redenção é de “primeira importância”.³ Ele declara que é “por meio deste evangelho [que] vocês são salvos”, e se falharmos em nos “apegar firmemente” ao mesmo, então “teremos crido em vão”. O Cristo bíblico não é um Cristo místico ou ideológico, isto é, ele não é apenas uma idéia ou um exemplo, mas é a segunda pessoa do Deus Triúno manifesta na história. Sua encarnação, vida, ministério, morte, sepultamento, ressurreição e ascensão realmente aconteceram na história; eles não são eventos simbólicos ou mitológicos.

Pedro diz: “De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; ao contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade” (2Pedro 1:16). Quando Jesus Cristo ascendeu aos céus, os anjos disseram para os seus discípulos: “Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará da mesma forma como o viram subir” (Atos 1:11). É o mesmo Jesus de Nazaré que retornará, e retornará “da mesma forma”.

³ Nota do tradutor: Na NIV, versão utilizada pelo autor: “Pois o que lhes transmiti como de primeira importância foi o que recebi”.

Os cristãos devem entender e afirmar a natureza histórica da nossa mensagem cristológica porque tem havido um ressurgimento de falsas doutrinas nas quais Cristo é apresentado como pouco menos que um símbolo ideológico ou exemplo moral. Mas temos notado que qualquer mensagem que não seja cristológica no sentido bíblico e histórico é do anticristo. Um Cristo simbólico que não é nada mais que uma idéia e que não realiza nenhuma obra redentora na história não pode salvar ninguém. O objeto da fé de tal mensagem distorcida não é o Cristo bíblico de forma alguma.

Uma mensagem cristológica não apenas apresenta corretamente o Cristo bíblico, mas também sustenta a supremacia de Cristo. Diferentemente dos falsos profetas das falsas religiões, ela nunca fará do portador a última e maior revelação ou profeta de Deus à humanidade, como no Islamismo, Mormonismo e Bahaísmo,⁴ e nunca usurpará a autoridade que pertence a Cristo, como no Catolicismo. Paulo escreve: “Mas não pregamos nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por causa de Jesus” (2Coríntios 4:5).

Contrário a isto, várias religiões falsas são fundamentadas sobre a própria reivindicação de que seus profetas eram os últimos e maiores profetas da parte de Deus, que excedem até mesmo a autoridade de Cristo, e que têm o mandato e a autoridade para adicionar algo ao que foi permanentemente revelado na Escritura. Certamente, outros subsequentemente levantaram e declaravam os anteriores como profetas “obsoletos”, e que eles eram agora a voz autoritativa de Deus para a humanidade, e que eram os verdadeiramente iluminados, embora alguns daqueles que vieram antes já tinham reivindicado serem os profetas finais. Em contraste, 2Coríntios 4:5 diz: “Mas não pregamos nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por causa de Jesus”. Um verdadeiro mensageiro de Deus prega Jesus Cristo “como Senhor”, isto é, declara a supremacia de Cristo ao invés de exaltar a si mesmo.

Aos Colossenses, Paulo escreve:

Esforço-me para que eles sejam fortalecidos em seu coração, estejam unidos em amor e alcancem toda a riqueza do pleno entendimento, a fim de conhecerem plenamente o mistério de Deus, a saber, Cristo. Nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento... Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude (Colossenses 2:2-3, 1:19)

Em Cristo “estão escondidos *todos* os tesouros da sabedoria e do conhecimento”. Certamente, visto que Jesus é o Deus onisciente, segue-se necessariamente que ele possui toda sabedoria e conhecimento, e ele “se tornou sabedoria de Deus para nós” (1Coríntios 1:30).

⁴ Nota do tradutor: “Doutrina da seita ético-religiosa *Fé no Baha’i*, oriunda do babismo (q. v.), fundada por Mirza Husain Ali Nuri (1817-1892), o *Bahauallah*, ‘esplendor de Deus’, que se dizia sucessor do Bab, e pregava a fraternidade entre os homens, a unidade das religiões, o fim dos preconceitos de raça, classe ou religião, e a paz mundial” (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0).

Nenhum dos profetas antes de Cristo foi a própria encarnação de Deus, e nenhum deles teve “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”. Como Hebreus 1:1-3 diz:

Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas.

Deus falou através dos profetas no passado, mas agora ele tem falado através de Cristo, em quem estão “escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”. Cristo é também o agente divino pelo qual a Deidade criou e até agora sustenta o universo. Portanto, o Cristo bíblico tem conhecimento completo e superior de todas as coisas.

Devemos entender o que está sendo dito aqui, de forma que possamos perceber quais implicações necessariamente se seguem. Visto que Cristo é Deus e nele estão toda (não apenas alguma) sabedoria e justiça, então, diferentemente dos profetas antes dele, Cristo foi a revelação plena e final de Deus para a humanidade. Foi sobre Cristo que os profetas anteriores falaram em primeiro lugar (Lucas 24:44; João 5:39) – isto é, a mensagem deles era cristológica em conteúdo e foco. E visto que Cristo é a expressão completa de Deus (Hebreus 1:3), não há nada mais que alguém após ele possa revelar que já não esteja revelado em Cristo.

Visto que isto é verdadeiro, não há ninguém após Cristo que possa reivindicar corretamente ser igual ou superior a ele, nem pode alguém oferecer revelações que contradigam, atualizem ou substituam a revelação cristã, como registrada na Escritura. Este sendo o caso, você esperaria que alguém que alega substituir Cristo primeiro rejeite o Cristianismo, mas pelo contrário, eles alegam honrar a Cristo como um profeta verdadeiro de Deus. Mas eles não podem ter ambos os caminhos – eles devem honrar a Cristo como um profeta verdadeiro, que proíbe revelação adicional que já não se encontra em Cristo, ou devem primeiro refutar o Cristianismo antes de afirmar suas próprias supostas revelações. Jesus diz: “Quem me vê, vê o Pai” (João 14:9). Ele é a revelação perfeita e completa de Deus, visto que ele mesmo é divino. Assim, não pode haver um mensageiro ou revelação da parte de Deus que seja maior ou mais atual e relevante do que Cristo.

Se alguém afirma que o Cristianismo é verdadeiro, então ele deve afirmar também que todas as outras religiões e cosmovisões são falsas; de outra forma, ele não está realmente afirmando que o Cristianismo é verdadeiro, visto que o Cristianismo insiste em sua própria exclusividade – que somente ele é verdadeiro, e que somente ele pode salvar. Por outro lado, se alguém alega que o Cristianismo é falso, então isto gera uma colisão de cosmovisões entre o Cristianismo e a cosmovisão pela qual esta pessoa declara ser o Cristianismo falso, e isto dá ao

cristão informado a oportunidade para aniquilar totalmente as crenças do seu oponente na argumentação e torná-lo um exemplo público.

Não há meio termo – o Cristianismo é verdadeiro ou falso. Se o Cristianismo é verdadeiro, então sua própria alegação de que todas as outras religiões e cosmovisões são falsas é verdadeira também; e assim, se o Cristianismo é verdadeiro, então todas as outras religiões e cosmovisões são de fato falsas. Mas se alguém alega que o Cristianismo é falso, então ele deve nos derrotar num campo de batalha de argumentação racional.

Visto que o Cristianismo alega ser totalmente verdadeiro em cada aspecto e detalhe, qualquer alegação dizendo que o Cristianismo é somente parcialmente verdadeiro ou mesmo na maior parte verdadeiro é equivalente a dizer que o Cristianismo é falso. Em Cristo está toda sabedoria e conhecimento.

É uma transigência covarde dizer que há certa verdade em toda religião, de forma que ninguém deveria se apegar à sua religião em total exclusão das outras, e que ninguém deveria desprezar a religião de outra pessoa. Mesmo alguns cristãos professos consideram esta transigência uma opção legítima, mas isto reflete o compromisso fraco ou mesmo inexistente que eles têm para com Cristo. Visto que o próprio Cristianismo não permite este compromisso, afirmar esta posição é também equivalente a dizer que o Cristianismo é falso.

Agora, se uma cosmovisão consiste de proposições verdadeiras e falsas, uma pessoa não será capaz de identificar a verdadeira da falsa sobre a base desta mesma cosmovisão. Se alguém de fato é capaz de distinguir a verdadeira da falsa, isto somente significa que ele já pressupôs outra cosmovisão que conhece ou assume ser totalmente correta, e pela qual agora avalia a cosmovisão lhe apresentada. Visto que este é o caso, isto significa que ele não aprende algo a partir da cosmovisão sob inspeção, pois já adotou uma que assume ser verdadeira em sua inteireza. Mas se a cosmovisão que ele pressupôs não for inteiramente verdadeira, então novamente temos o problema epistemológico de identificar o verdadeiro a partir do falso dentro da cosmovisão.

Por exemplo, uma pessoa que testa uma verdade-alegação com o “método científico”, pressupõe uma cosmovisão que assume o método científico como sendo confiável para testar verdades-alegações. Contudo, se a cosmovisão baseada sobre a qual ele faz esta suposição não for totalmente verdadeira, então como ele sabe, antes de tudo, se o método científico é confiável ou não? Pode ser que sua suposição sobre a confiabilidade do método científico é precisamente uma das coisas sobre as quais a sua cosmovisão é falsa. A menos que de alguma forma saiba que sua cosmovisão é inteiramente correta, ele não tem nenhuma forma de testar ou confirmar se o método científico é confiável ou não. Portanto, uma cosmovisão que é somente parcialmente verdadeira é também uma cosmovisão inútil. Ela logicamente colapsa em total ceticismo sobre a realidade, e nenhum conhecimento é obtido.

A alegação cristã é que tudo da Bíblia é verdade. Agora, esta mesma Bíblia diz que Cristo sustém tudo o que existe, o que significa que ele é o agente divino pelo qual alguém conhece algo. Então, segue-se necessariamente que, *mesmo que* haja

verdade em outras religiões, isso pode apenas significar que eles aprenderam (ou roubaram) a informação de Cristo e do Cristianismo, sem reconhecer a fonte.

A partir da perspectiva humana, isto faz deles no mínimo plagiários, hipócritas e fraudulentos, mas a partir da perspectiva bíblica (isto é, da perspectiva de Deus), a culpa deles é inescusável. Como Paulo escreve:

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou... porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. (Romanos 1:18-19, 21-22)

Paulo declara que Deus deu a todos os homens certo conhecimento de si mesmo, mas os incrédulos recusam reconhecê-lo. Eles recusam reconhecer este doador de conhecimento como Deus, e recusam lhe render graças. Em vez disso, eles creditam seu conhecimento à outra fonte, e adoram esta como o seu Deus. “Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador...” (Romanos 1:25).

Portanto, dizer que as religiões não-cristãs possuem alguma verdade serve somente para condená-las totalmente, e não proporciona apoio à credibilidade ou utilidade delas de forma alguma. E mesmo que as falsas religiões contenham várias idéias verdadeiras, isto não significa que devemos respeitá-las, mas apenas significa que os pegamos “em flagrante” em seu crime de roubo espiritual contra Deus. Eles receberam de Deus, mas negam.

Eles levantaram o que equivale aos seus “bezerros de ouro”, e declaram em alta voz a outros: “Eis aí os seus deuses, ó Israel, que tiraram vocês do Egito!” (Êxodo 32:4)! Contudo, Deus disse: “Eu sou o Senhor; este é o meu nome! Não darei a outro a minha glória nem a imagens o meu louvor” (Isaías 42:8). Ao invés de adorar ao Deus verdadeiro, que tem se revelado verbalmente somente através da Escritura cristã, os incrédulos suprimem o seu conhecimento deste Deus verdadeiro, e adoram os ídolos em seu lugar. Portanto, os aderentes de religiões não-cristãs são “indesculpáveis” (Romanos 1:20).

Deus “faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” (Mateus 5:45). Nem todos que se aquecem com o calor e a luz do sol são bons, e nem todos que recebem chuva são justos. Um adorador de ídolo não recebe chuva do seu ídolo, visto que seu ídolo na realidade não é nada; antes, ele recebe chuva do Deus cristão – o problema é que ele falha em dar glória a quem a glória é devida. Embora Deus lhe dê conhecimento suficiente sobre si mesmo, o incrédulo suprime a verdade sobre Deus através da injustiça (Romanos 1:8), e ao invés disso escolhe honrar um ídolo (Romanos 1:21).

Visto que Cristo possui toda sabedoria e conhecimento, então o fato de que um não-cristão pode saber que $1 + 1 = 2$ significa que Cristo lhe deu este

conhecimento, visto que Cristo é “a verdadeira luz, que ilumina todos os homens” (João 1:9). Este conhecimento não se origina, se extrai ou reside na cosmovisão não-cristã do incrédulo, mas é antes uma parte integral do sistema cristão. Se o incrédulo não dá então graças ao Deus cristão, então ele será culpado de roubo espiritual e intelectual por falhar em dar crédito a quem o crédito é devido.

Por outro lado, os cristãos livremente recebem conhecimento daquele que eles adoram: “É, porém, por iniciativa dele [Deus] que vocês estão em Cristo Jesus, o qual se tornou sabedoria de Deus para nós” (1Coríntios 1:30). Visto que Cristo tem um monopólio sobre a verdade, qualquer pessoa que conheça algo deve seu conhecimento a ele, e um fracasso em adorar a Cristo e lhe render graças é um pecado que merece o castigo final.

Portanto, segue-se também que é pecaminoso para os cristãos dizerem que eles podem aprender verdades de outras religiões. Suponha que outra religião tem dentro dela uma porção de informação verdadeira sobre Deus. Baseado na premissa bíblica de que Cristo é o possuidor de toda sabedoria e conhecimento, esta porção de informação deve necessariamente ser uma verdade “cristã” – isto é, ela pertence somente ao Cristianismo – e, portanto, é exclusivamente uma parte da revelação cristã. Quão tolo seria para uma pessoa aprender o que pertence ao Cristianismo (isto é, toda e qualquer verdade) de uma fonte não-cristã, e uma fonte que certamente apresenta até mesmo a verdade numa forma mista e distorcida. E se um sistema religioso é somente parcialmente verdadeiro, mas não inteiramente verdadeiro, como uma pessoa pode distinguir o verdadeiro do falso? Os cristãos que dizem que as outras religiões possuem certas verdades são capazes de reconhecer estas verdades precisamente porque já as aprenderam a partir da cosmovisão cristã; de outra forma, não haveria nenhuma forma de saber diferenciar a verdade da falsidade.⁵

Suponha que um determinado sistema de pensamento inclua as seguintes proposições: (1) X é um homem, e (2) X é um contabilista. Se, na realidade, (1) é verdadeiro, mas (2) é falso, como uma pessoa saberá afirmar (1) e negar (2), a menos que ele já esteja inteirado com X? A menos que o sistema seja completamente verdadeiro (ou falso), não há nenhuma forma de dizer qual proposição é verdadeira (ou falsa) sem importar conhecimento de fora do sistema, e se alguém importa conhecimento de fora do sistema, então estará avaliando o sistema em questão pelo segundo sistema do qual obteve o conhecimento para avaliar o primeiro.

Isto é, se a cosmovisão A não é completamente verdadeira ou falsa, então não há nada dentro da cosmovisão A pela qual possamos julgar corretamente uma proposição particular dentro da cosmovisão A como verdadeira ou falsa. Se

⁵ Num sentido, não existe nenhuma verdade nas religiões e cosmovisões não-cristãs, visto que até mesmo o que parece ser uma proposição verdadeira significaria coisas diferentes dentro de uma cosmovisão não-cristã em oposição à cosmovisão cristã. Isto é assim porque todas as proposições estão relacionadas com muitas outras proposições, e mesmo que um não-cristão afirme uma proposição que pareça ser verdadeira, as proposições que descrevem a relação da proposição em questão com outras proposições seria muito diferente numa cosmovisão não-cristã em oposição à cosmovisão cristã. Assim, os cristãos e não-cristãos teriam (*deveriam* ter) muitos entendimentos diferentes até mesmo de “1 + 1 = 2” – os cristãos consideram todos os números em relação ao Deus cristão e a Escritura cristã, mas os não-cristãos não.

admitimos algo que sabemos a partir da cosmovisão B, pela qual julgamos algo dentro da cosmovisão A, então estamos fazendo a cosmovisão B ser juiz da cosmovisão A. Mas se alguém já obteve conhecimento que é correto, relevante e extensivo o suficiente a partir da cosmovisão B, pelo qual ele avalia a cosmovisão A, então ele não pode aprender significativamente algo a partir da cosmovisão A. Ele está julgando tal cosmovisão, e não aprendendo a partir dela.

Em outras palavras, se uma cosmovisão não é completamente verdadeira, então sobre a base da mesma cosmovisão, não há nenhuma forma de dizer se uma determinada proposição dentro da mesma cosmovisão é verdadeira ou falsa. Mas se você já conhece o suficiente a partir de outra cosmovisão para julgar as proposições dentro desta primeira cosmovisão, então não há nada que você possa realmente aprender a partir dela, visto que você já sabe o que ela pode lhe oferecer e mais. Certamente, a cosmovisão pela qual você julga outra cosmovisão deve ser ela mesma completamente verdadeira; de outra forma, você terá o mesmo problema novamente. Qualquer cosmovisão que não seja completamente verdadeira colapsa em ceticismo, de forma que não se pode conhecer nada.

Portanto, não há nada para aprender a partir de um sistema religioso que não seja completamente verdadeiro. Você pode aprender somente a partir de um sistema de pensamento que seja completamente verdadeiro, e então usar o que você aprendeu desta cosmovisão para avaliar outra cosmovisão, mas nunca aprender a partir dela. Assim, dizer que uma determinada religião tem “certa verdade”, embora ela não seja completamente verdadeira, é condená-la como totalmente inútil, e não louvá-la ou honrá-la, ou dar-lhe um lugar na sociedade.

Nenhuma religião não-cristã pode ensinar alguma informação verdadeira que já não esteja declarada ou implicitamente assumida na cosmovisão cristã. Não há nada verdadeiro que alguma religião não-cristã possa ensinar que já não seja parte do sistema cristão. Dizer outra coisa seria negar nossa premissa básica de que toda sabedoria e conhecimento estão em Cristo, em cujo caso questionaríamos se a pessoa que está fazendo tal negação é um cristão em primeiro lugar. Se não, estão isto novamente gera uma confrontação de cosmovisões, e o cristão informado tem a garantia da vitória.⁶

Portanto, concluímos que não há nada que os cristãos possam aprender dos não-cristãos que já não esteja incluso ou implicado na cosmovisão cristã, somente que a Escritura revela estas verdades sem distorção, impureza, ou mistura, e que ela revela tais verdades de uma forma que é compreensiva e coerente. Assim, *mesmo que* haja proposições verdadeiras nas religiões não-cristãs, não há absolutamente nenhuma razão para aprender estas verdades a partir delas. Como temos estabelecido, *mesmo que* as religiões não-cristãs contenham algumas verdades, visto que estas religiões não são completamente verdadeiras, você ainda terá que conhecer estas verdades antes que possa reconhecê-las e distingui-las das falsas proposições dentro dessas religiões. E se você já as conhece, então não está aprendendo as mesmas a partir destas religiões não-cristãs. Portanto, dizer que as outras religiões podem ter “alguma verdade” nelas é insultá-las – estou

⁶ Veja Vincent Cheung, *Ultimate Questions e Presuppositional Confrontations*.

implicando que seus profetas e aderentes são ladrões ímpios e idiotas completos, certamente indignos da confiança e respeito de alguém.

Paulo escreve: “A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais” (Efésios 3:10). Deus pretende que a igreja o glorifique manifestando sua sabedoria no contexto da proclamação de uma mensagem exclusivamente cristológica. Ele certamente não pretende que a igreja louve as religiões não-cristãs pela sabedoria e conhecimento que elas roubaram de nós e então regurgitam em forma distorcida, e ainda menos que a igreja reconheça até mesmo as falsidades em outras religiões como verdades.

É difícil justificar como um “cristão” que tem *alguma coisa* boa para dizer sobre as religiões não-cristãs possa merecer algo menos que excomunhão, e ainda menos que tal pessoa deva ser ordenada como ministro do evangelho! Um ministro deve promover a fé cristã e denunciar todas as religiões não-cristãs, não advogar uma trégua ou associação com demônios.

Embora venhamos nos focando nas religiões não-cristãs, os mesmos pontos se aplicam às cosmovisões que alegam ser não-religiosas. Por exemplo, os cristãos não podem aprender nada a partir de uma cosmovisão ateísta, a menos que a mesma seja completamente verdadeira. O ateísta não pode saber nada se não por Cristo o *logos*, que ilumina a todo homem, de forma que não há nada na cosmovisão não-cristã que possa oferecer alguma verdade ao cristão que já não esteja na cosmovisão cristã.

Podemos traçar uma analogia a partir do mundo físico. Um cristão pode obter um copo de água de um ateísta, que tem o mesmo para oferecer por coletar a chuva. Mas a fonte da chuva não vem e não pode ser ultimamente explicada por algo inerente à cosmovisão do ateísta; antes, a chuva vem do Deus que verbalmente se revelou somente na Escritura cristã. A diferença é que o cristão rende graças a Deus pela água, mas o ateísta não, e ao falhar em reconhecer o Deus verdadeiro que é a fonte última da chuva, o ateísta peca e expõe sua alma à condenação.

Da mesma forma, um cristão pode parecer aprender que “ $1 + 1 = 2$ ” a partir de um ateísta, mas esta porção de informação pertence a Cristo, que tem toda sabedoria e conhecimento. O ateísta está apenas ensinando ao cristão algo que é inerente na cosmovisão do cristão (e esta de fato é incompatível com o primeiro princípio do ateísta), o qual ele aprendeu de Cristo o *logos* sem lhe render a devida ação de graça. Por outro lado, o cristão deveria reconhecer que todo conhecimento pertence a Cristo, e mostrar gratidão a Deus por obter esta porção de informação.

Em outras palavras, todas as proposições verdadeiras são de fato proposições “cristãs” – elas são propriedade de Cristo – e, portanto, são muito mais apropriada e corretamente expressas dentro do contexto da cosmovisão cristã. Assim, dizer que os cristãos podem de fato parecer aprender informação verdadeira a partir de não-cristãos, tal como “ $1 + 1 = 2$ ”, não significa que é desejável fazê-lo. E não significa que o não-cristão pode corretamente apresentar qualquer porção de informação verdadeira, pois suas falsas pressuposições inevitavelmente distorcerão algo que ele ensina.

Por exemplo, numa cosmovisão não-cristã, uma pessoa não pode nem mesmo dar uma explicação do porquê certo número deve significar a mesma coisa dia após dia. Mas sobre a base da cosmovisão bíblica, entendemos que o universo foi criado e até agora está sendo sustentado por um ser cuja mente eterna, racional e onisciente dá significado e estabilidade às leis do pensamento e da lógica. O número “2” (não o símbolo, mas o conceito que ele representa) significará a mesma coisa amanhã não por causa da convenção humana, mas porque ele permanece a mesma coisa na mente de Deus, e nós padronizamos nossos pensamentos conforme o dele, como aqueles criados à sua imagem.

Nenhuma cosmovisão não-cristã, incluindo as religiosas, pode dar uma resposta mais satisfatória a esta questão, visto que estabelecemos que qualquer cosmovisão deve ser totalmente verdadeira para ser significativa e relevante. Uma religião que apresenta um “Deus” que mantém os significados dos números constantes, mas não pode defender a integridade das outras alegações da sua cosmovisão, colapsa ultimamente em ceticismo epistemológico, visto que não há nenhuma maneira de dizer a verdade a partir da falsidade. Não saberíamos quais crenças dentro de uma determinada cosmovisão é verdadeira ou falsa, ou mesmo se uma delas é falsa.

Mesmo as proposições aparentemente não-religiosas, tais como aquelas com respeito à astronomia e economia, são melhores expressas e ensinadas dentro de um contexto explicitamente cristão. Por exemplo, visto que Deus é o governador e planejador da história, um livro-texto sobre as civilizações do Ocidente que falhe em mencionar a providência divina não é uma boa história de forma alguma, visto que negligencia o próprio fator definidor dos eventos e do progresso histórico. De fato, um livro de história acurado deveria ser completamente dominado pelo ensino da providência divina. Podemos dizer coisas similares sobre física, literatura, música e até mesmo esporte.

Visto que Deus é como ele se revelou por toda a Escritura, nenhuma disciplina intelectual pode permitir-se ignorá-lo: “No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gênesis 1:1) é uma explicação superior para a existência do universo do que qualquer sistema sofisticado de cosmologia que falhe em reconhecer Deus como a causa primeira e sustentadora de tudo o que existe (Colossenses 1:17; Hebreus 1:3). Uma pessoa que insiste em raciocinar independentemente de Deus deve primeiro refutar o desafio apresentado pela cosmovisão cristã.

O Cristianismo não é apenas uma opção entre muitas. A mensagem de salvação ou é exclusivamente cristológica – e isso somente no sentido bíblico e com uma base histórica – ou não é evangelho de forma alguma. A menos que um sistema de pensamento seja verdadeiramente cristológico, com o Jesus Cristo de Nazaré divino e histórico como o objeto de fé e adoração, ele não tem nenhum poder para salvar – nem o que ouve, nem o que prega tal sistema. Por outro lado, Paulo escreve: “as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus” (2Timóteo 3:15). Há salvação somente no evangelho bíblico e, portanto, cristológico.

Os incrédulos frequentemente acusam a posição exclusivista dos cristãos como destituída de amor, mas a Bíblia ensina que o verdadeiro amor “não se alegra com

a injustiça, mas se alegra com a verdade” (1Coríntios 13:6). Os não-cristãos não têm nenhuma autoridade para definir amor por nós. Os covardes intelectuais tomam o que parece ser a maneira fácil de dizer que os cristãos rejeitam as idéias e crenças não-cristãs porque eles são mente-fechada, odiosos e intolerantes – mas sobre a sua cosmovisão, eles não podem nem mesmo nos dizer *autoritariamente* o porquê é errado ser mente-fechada, odioso e intolerante. Antes, rejeitamos todas as cosmovisões não-cristãs, religiosas ou não, pois são falsas. Uma “abertura de mente” que aceitaria a mentira tão rapidamente quanto assentaria à verdade é uma indicação de uma mente tola, depravada e distorcida – não um sinal de acuidade intelectual e progresso moral.

Portanto, consideremos seriamente a declaração apostólica: “Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: Se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!” (Gálatas 1:8-9). Os verdadeiros cristãos não ousam nem desejam discordar do apóstolo – assim, qualquer um que advogue uma religião ou cosmovisão não-cristã será condenado ao tormento sem fim no inferno.

Todos os verdadeiros cristãos devem insistir que o Cristianismo tem um monopólio sobre a verdade, e que todas as cosmovisões não-cristãs são falsas, de forma que rejeitar isso é rejeitar o Cristianismo. Se alguém acha esta doutrina de exclusivismo repugnante ou satisfatória não afeta sua verdade, mas se alguém discorda dela, então deve refutá-la. O Cristianismo é o único possuidor da verdade, e o que parece ser verdades em outras cosmovisões são nada mais que mercadorias roubadas, e todas as alegações de revelação divina em outras religiões são falsas. Nenhum xingamento contra o cristão, dizendo que ele está advogando ódio e intolerância, pode mudar a verdade desta afirmação. Qualquer um que negue a afirmação cristã de exclusivismo deve estar pronto para confrontar a cosmovisão cristã com sua própria cosmovisão não-cristã.

O Cristianismo ousa declarar a si mesmo como tendo um monopólio sobre a verdade e espera que os outros concordem, e está disposto e ávido para demonstrar sua superioridade na argumentação. Mas, certamente, os não-cristãos são intelectualmente desonestos e moralmente desprezíveis, e aqueles que não são eleitos permanecerão resistentes à cosmovisão cristã, incluindo suas afirmações de exclusivismo, mesmo após o cristão ter triunfado na argumentação. Ao mesmo tempo, muitos cristãos professos têm sucumbido ao apelo covarde dos incrédulos por “tolerância”, de forma que pararam de obedecer ao mandamento bíblico de confrontar as falsas religiões e cosmovisões. Embora o cristão possa ser cortês para com os incrédulos num nível social, aqueles que são simpáticos para com os não-cristãos num nível teológico ou ideológico cometem traição contra Cristo e seu reino.

Colossenses 2:9-10 diz: “Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude”. Se “toda a plenitude da divindade” está em Jesus Cristo, então não há nada deixado para ser revelado por outro profeta que já não esteja revelado em Cristo, o que por sua vez significa que nenhum profeta após Cristo pode ser maior do que ele, de forma que aqueles que alegam ser maiores devem

ser falsos profetas. Visto que Cristo é “o Cabeça de todo poder e autoridade”, ninguém pode substituí-lo. Se “recebemos a plenitude em Cristo” (NIV), o qual por sua vez tem “toda a plenitude da divindade”, então não há nada para aprender de religiões e cosmovisões não-cristãs. Visto que Cristo não é meramente um mensageiro ou manifestação de Deus, mas o próprio Deus, nenhum profeta pode adicionar, atualizar ou contradizer a revelação cristã. Aqueles que o fazem são impostores e mentirosos.

Aqueles que alegam professar fé em Cristo deveriam entender a quem e a o que eles se comprometeram. Aqueles que se chamam de cristãos, mas ao mesmo tempo experimentam grande dificuldade com as alegações exclusivistas do Cristianismo, deveriam reconsiderar se são realmente cristãos (2Coríntios 13:5), ou se compreenderam de maneira totalmente errônea à mensagem do evangelho, e assim experimentaram uma falsa conversão. Se entendem as alegações exclusivistas do Cristianismo, mas ainda negam que Cristo é o único caminho para salvação, e que todos os não-cristãos estão condenados ao inferno, então por qual definição eles são cristãos? Em que sentido uma pessoa pode ser um cristão e ao mesmo tempo declarar que Cristo é apenas uma opção entre muitas, e que as próprias reivindicações de Cristo de autoridade e verdade exclusiva são equivocadas (Mateus 28:18; João 14:6)?

Eles deveriam entender que afirmar o Cristianismo é condenar todas as religiões, filosofias e cosmovisões não-cristãs, e afirmar que todos os não-cristãos estão condenados ao tormento sem fim no inferno. Visto que isto é o que o próprio Cristo ensina, uma pessoa que rejeitar isto não tem nenhuma base legítima sobre a qual ele possa alegar ser um cristão; antes, ele deveria ser honesto e admitir que nunca foi um cristão, e que ainda é um não-cristão.

Além de defender nossa fé contra as questões e acusações dos incrédulos, devemos pressioná-los a fornecer justificção para o que crêem. Mas não com menos urgência, devemos confrontar os cristãos professos indecisos dentro da igreja, demandando que escolham de uma vez por todas a quem servirão (Josué 24:15), e que cessem de ser dúbios, ou “entre duas opiniões” (1Reis 18:21, NIV). Se o Cristianismo é verdadeiro, então todas as religiões e cosmovisões não-cristãs são falsas; se qualquer outra religião ou cosmovisão for verdadeira, então o Cristianismo não pode ser ao mesmo tempo verdadeiro.

Muitos cristão professos que condenam inflexivelmente o roubo, adultério e assassinato, encorajariam ao mesmo tempo diálogos ou interações com religiões não-cristãs, como se houvesse algo para se aprender delas, e como se idolatria fosse menos pecaminoso ou sério do que roubo, adultério e assassinato. Mas assassinato não é um pecado maior do que idolatria. Jesus diz que “o primeiro e maior mandamento” é “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento” (Mateus 22:37-38), e relega o amor aos outros como o segundo maior mandamento (v. 39). Todavia, parece que muitos cristãos professos reagem ao roubo e assassinato com uma força muito maior do que à idolatria, e isto não é correto. A atitude de muitos cristãos professos para com a falsa adoração falha em refletir a denúncia extrema da Escritura contra ela, e na extensão em que nossos pensamentos discordam dos de Deus, fazemos dele um mentiroso, e pecamos contra ele.

Aqueles que alegam ser cristãos devem ajustar suas mentes – se eles professam a Jesus Cristo como Senhor, então devem imediata e permanentemente abandonar sua mentalidade idólatra e sincretista. Eles devem afirmar que o conhecimento necessário para salvação é encontrado somente na Escritura, que a obra redentora de Deus é apropriada através de Cristo somente, e que ela é aplicada ao indivíduo somente pela fé.

O apelo por tolerância ou para ser teologicamente inclusivo é frequentemente uma escusa para evitar tratar com as inúmeras e irreconciliáveis contradições entre as cosmovisões. O não-cristão (e muitos que alegam ser cristãos) deveria parar de ser um covarde intelectual, encarar a realidade, e admitir que por causa das alegações contraditórias, nem toda cosmovisão pode ser verdadeira.

De fato, alguém que rejeita a exclusividade do Cristianismo já está praticando a exclusividade ao dizer que é exclusivamente verdadeiro que nenhuma religião pode fazer afirmações exclusivistas, que todas as religiões exclusivistas devem ser excluídas da nossa aceitação. O que dá às pessoas “tolerantes” o direito ou justificação de serem intolerantes para com as afirmações exclusivistas do Cristianismo? Se eles são verdadeiramente tolerantes, por que não suportar nossas críticas sem retaliação? Mas eles retaliam, e atacam o Cristianismo com vingança.

Embora alvos fáceis tais como o Budismo, Mormonismo e Bahaísmo também façam fortes afirmações exclusivistas, eles não são atacados tão frequentemente, se é que alguma vez. Isto não é apenas um caso de ignorância sobre religião comparada, mas é um caso de preconceito seletivo equivalente à conspiração espiritual global com Satanás por detrás dela. Por que os incrédulos focam seus esforços sobre atacar o Cristianismo? Numerosas coisas podem passar em suas mentes distorcidas e depravadas, mas há pelo menos duas razões. Primeiro, somente a cosmovisão cristã possui uma ameaça intelectual – todas as outras religiões são obviamente absurdas. Segundo, na realidade há somente dois grupos ou lados – cristãos e não-cristãos; aqueles que rejeitam a fé – quer sejam ateístas, budistas ou mórmons – estão na realidade todos do mesmo lado. No final das contas, a batalha é entre a verdade (Cristianismo) contra uma variedade de falsidades (ateísmo, Mormonismo, etc.), e não várias cosmovisões dignas competindo por domínio.

Apelos à tolerância teológica e ideológica frequentemente denunciam uma mentalidade “por favor, não me toque”, equivalendo à tácita admissão de incompetência intelectual, e uma admissão de que as cosmovisões não-cristãs simplesmente não podem contender com a cosmovisão cristã no campo de batalha das idéias. Muitas pessoas alegam que a intolerância das idéias de outras pessoas é um resultado de ignorância – isto é fácil de dizer, mas eu posso tão facilmente dizer que eles estão apenas temerosos que o cristão aniquile completamente suas mais preciosas crenças pagãs no debate, e imploram desesperadamente para não humilhá-los, sem desejar parecer serem fracos e estúpidos.

Em primeiro lugar, exijo saber *exatamente* do que as pessoas “intolerantes” são ignorantes; isto é, aqueles que alegam que a ignorância produz a intolerância devem me dizer exatamente qual porção de informação estas pessoas intolerantes

carecem.⁷ Então, exijo justificação de que ignorância produz intolerância,⁸ que as pessoas intolerantes de fato carecem da informação que as pessoas tolerantes afirmam que eles carecem,⁹ que as pessoas intolerantes são de fato intolerantes *porque* carecem da informação que as pessoas tolerantes afirmam que eles carecem,¹⁰ que as pessoas intolerantes se tornariam tolerantes ao adquirir a informação que supostamente carecem,¹¹ que a informação que eles supostamente carecem é verdadeira ou fatural,¹² e que a tolerância é uma boa coisa em primeiro lugar. Estou confiante que nenhum advogado da “tolerância” pode estabelecer com sucesso *nenhum* destes pontos em debate.

A verdade é que mesmo aqueles que alegam que a intolerância resulta da ignorância rejeitam certas alegações como falsas baseado no que eles alegam saber, e não no que não sabem. Por exemplo, eles podem rejeitar a idéia de que a terra é chata porque alegam saber que a terra não é chata, ou podem rejeitar a idéia de que o homossexualismo é moralmente errado porque alegam saber que a orientação sexual é determinada geneticamente. Se o alegado conhecimento deles é verdadeiro ou relevante não é o que está em questão; antes, a questão é que eles rejeitam certas alegações por causa de certo conhecimento que eles alegam ter, e não por causa de ignorância.

Isto mostra que, mesmo por sua própria prática, a intolerância das crenças de outras pessoas é frequentemente um resultado de conhecimento ou pelo menos uma alegação de conhecimento, enquanto a tolerância pode frequentemente ser uma marca de ignorância – isto é, se você não sabe o que é verdadeiro ou falso, você não tem nenhum preconceito para rejeitar alguma posição. A intolerância intelectual vem do conhecimento que as várias cosmovisões contradizem umas às outras, de forma que elas não podem ser todas corretas. Intolerância num nível ideológico surge do conhecimento que todas as cosmovisões existentes fazem alegações contraditórias. Por outro lado, a tolerância intelectual implica ignorância, indecisão e covardia.

Contudo, se o incrédulo ou se a pessoa “tolerante” desafia a alegação cristã de conhecimento, dizendo que o que o cristão alega saber é de fato falso, então esta pessoa está de fato sendo intelectualmente intolerante para com a alegação cristã, e é intolerante por causa de algo que ele alega saber. Assim, novamente, a intolerância procede do conhecimento, ou uma alegação de conhecimento. O resultado é outro confronto entre a cosmovisão cristã e não-cristã, dando ao cristão outra oportunidade para massacrar seu oponente em debate. A tolerância é um embuste – aqueles que advogam a tolerância não podem defendê-la, e não a praticam.

A posição cristã é que nunca devemos tolerar a falsidade, mas antes devemos destruí-la; todavia, destruímos as falsas idéias não com violência física, mas com

⁷ Isto é, se a pessoa intolerante é ignorante de X, então o que é X? Concordo que quando diz respeito à “intolerância” sobre coisas diferentes, o alegado X provavelmente variará; todavia, meu desafio permanece relevante em cada área e ocorrência de “intolerância”.

⁸ Isto é, ignorância de X produz intolerância.

⁹ Isto é, as assim chamadas pessoas intolerantes são de fato ignorantes de X.

¹⁰ Isto é, as pessoas intolerantes são intolerantes *porque* são ignorantes de X.

¹¹ Isto é, uma vez que estas pessoas intolerantes conhecem X, elas cessam de serem intolerantes.

¹² Isto é, que X é verdadeiro em primeiro lugar.

persuasão e argumentação intelectual. Encorajamos a violência intelectual contra as idéias e religiões não-cristãs, e não a violência física ou militar. Pessoas honestas e corajosas deveriam encorajar as várias cosmovisões a se chocarem em debate privado e público, e decidir de antemão que eles deveriam abandonar as crenças que não podem resistir ao escrutínio. O Cristianismo será o único que permanecerá de pé quando a poeira se assentar.

A MENSAGEM REVELACIONAL

Além de sua implicação para a pregação cristológica, 2Coríntios 4:6 também apresenta a natureza revelacional do evangelho. “Pois Deus, que disse: ‘Das trevas resplandeça a luz’, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo”.

O versículo contém uma alusão ao relato da criação de Gênesis que carrega uma importante implicação para a questão da iluminação espiritual e a natureza da mensagem do evangelho – a saber, a ênfase é dada à iniciativa de Deus na criação e o poder de seus decretos soberanos: “Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: ‘Haja luz’, e houve luz” (Gênesis 1:2-3). Certamente, Paulo não diz que a conversão de um pecador é resultante do decreto de Deus ao criar a luz física, ou que ele realiza os dois atos exatamente da mesma maneira; antes, Paulo alude ao relato de Gênesis como uma analogia apropriada.

Estabelecemos que as “trevas” no pecador são intelectuais (Romanos 13:12; Efésios 5:11) – isto é, ele rejeita o evangelho porque sua *mente* foi cegada. Paulo explica: “Eles estão obscurecidos no entendimento e separados da vida de Deus por causa da ignorância em que estão, devido ao endurecimento do seu coração” (Efésios 4:18). Portanto, a “luz” com a qual Deus dissipa as trevas no pecador também é intelectual. 2Coríntios 4:6 mesmo indica que esta luz é a luz “do conhecimento” da glória de Deus. Em mais do que alguns lugares, a Escritura também usa “luz” para detonar o entendimento intelectual. Por exemplo, a estrutura paralela de Salmo 119:139 iguala “luz” com “entendimento”: “A explicação das tuas palavras ilumina e dá discernimento aos inexperientes”. As profecias diziam que a obra de Cristo concederia ao seu povo “o conhecimento da salvação” (Lucas 1:77).

Os antiintelectuais detestam a idéia de que a conversão é uma transformação intelectual, mas isto é o que a Escritura ensina. Os não-cristãos são intelectualmente cegos, e suas mentes são cheias de trevas. A conversão ocorre quando Deus soberanamente faz com que a luz do evangelho irrompa em suas pobres almas, para dar “conhecimento” às suas mentes débeis, de forma que possam “conhecer aquele que é verdadeiro” (1João 5:20).

A alusão de Paulo ao relato de criação de Gênesis também ilustra que é somente por causa da escolha e iniciativa soberana de Deus, e não por causa da própria escolha e iniciativa do pecador, que a cegueira do incrédulo é removida, e de forma que a luz do conhecimento de Deus possa brilhar com esplendor em sua mente. Sendo cego para a luz do evangelho, o incrédulo não decidirá e

simplesmente não pode decidir receber o evangelho. Se ele fosse disposto e capaz a fazer tal coisa, não seria cego em primeiro lugar, mas a Bíblia o chama de cego.

Paulo escreve: “Mas se o nosso evangelho está encoberto, para os que estão perecendo é que está encoberto. O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2Coríntios 4:3-4). O evangelho está “encoberto” para aqueles que estão perecendo, visto que suas mentes foram cegadas. Para dissipar esta treva intelectual em seus escolhidos, Deus soberanamente faz com que a luz intelectual brilhe em suas mentes, similar ao que ele fez no tempo da criação, quando disse: “Das trevas resplandeça a luz” (v. 6).

É Deus quem faz isto acontecer, não o pecador. Isto não é feito nem mesmo sob pedido do pecador, visto que sendo intelectualmente cego para as coisas espirituais, o pecador não faria tal pedido em primeiro lugar. Assim, a Escritura diz: “Não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus” (Romanos 3:11). Não há ninguém que busque a Deus que não tenha sido primeiro “apreendido” (Filipenses 3:12; KJV) por Deus, unicamente por sua vontade e prazer soberano. Regeneração e conversão não acontecem pela vontade ou obras do homem (Romanos 9:16), mas somente pela vontade e misericórdia de Deus (Romanos 9:15; João 1:12-13). Nós amamos a Deus somente “porque ele nos amou primeiro” (1João 4:19).

Embora a Bíblia afirme de modo claro a soberania absoluta de Deus na salvação, sem iluminação espiritual, o antigo desejo pecaminoso do homem por autonomia (Gênesis 3:1-7) domina seu pensamento e controla sua teologia. Assim, muitos cristãos professos enfatizam grandemente o “livre-arbítrio” do homem, embora a Escritura ensine que o homem não tem nenhum livre-arbítrio. A vontade do homem existe como uma função da mente, mas ela não é livre no sentido de ser autônoma, ou imune de influências à parte do homem. Pode parecer que uma pessoa escolhe de acordo com seus desejos e disposições, mas mesmo estes desejos e disposições não são livremente escolhidos pelo próprio homem.

Em contraste à teologia pagã do “livre-arbítrio”, a Escritura ensina que Deus possui poder e liberdade irrestritos para controlar os pensamentos, desejos e escolhas do homem: “O coração do rei é como um rio controlado pelo Senhor; ele o dirige para onde quer” (Provérbios 21:1); “Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2:13). Este é um assunto controverso, mas é controverso não porque a Escritura seja obscura, mas por causa do desejo feroz do homem por independência intelectual e comportamental – a semente da rebelião implantada nele pela “antiga serpente” (Apocalipse 19:2).

Os não-cristãos preferem pensar que eles controlam suas próprias vidas, mas os cristãos informados percebem que somente Deus tem controle, e aqueles que amam a Deus reconhecem isso com alegria. Como Jeremias diz: “Eu sei, Senhor, que não está nas mãos do homem o seu futuro; não compete ao homem dirigir os seus passos” (Jeremias 10:23; também Lucas 12:19-20, Tiago 4:13-15). O que chamamos de Arminianismo é o fruto teológico da obra do diabo nos pecadores; o que chamamos de Calvinismo é o fruto teológico da obra de Deus nos eleitos.

A partir disto, continuaremos para examinar o papel da revelação de Deus na conversão, e na construção de uma cosmovisão cristã. A Bíblia ensina que Deus é aquele que escolhe a quem ele iluminará, isto é, dará a “luz” do conhecimento de Cristo, de forma que possam ser convertidos:

A vocês foi dado o mistério do Reino de Deus, mas aos que estão fora tudo é dito por parábolas, a fim de que, ‘ainda que vejam, não percebam; ainda que ouçam, não entendam; de outro modo, poderiam converter-se e ser perdoados!’ (Marcos 4:11-12).

[Deus] cegou os seus olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure (João 12:40).

Naquela hora Jesus, exultando no Espírito Santo, disse: ‘Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado’ (Lucas 10:21).

Após dizer para Nicodemos, “é necessário que vocês nasçam de novo” (João 3:7), Jesus continua para explicar: “O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito” (v. 8). É Deus quem decide sobre quem ele efetuará a regeneração, e não os próprios indivíduos, assim como “o vento sopra onde quer”, e não está sujeito ao nosso controle.

Já estabelecemos que a mensagem do evangelho é exclusivamente cristológica, e que “não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4:12). Jesus é o único caminho para Deus, mas ao mesmo, Jesus diz: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair [literalmente, compelir ou arrastar]; e eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:44). Sem a obra regeneradora anterior de Deus, a mente de uma pessoa permanece em trevas, e ela nunca virá a Cristo por si mesma.

Ao dizer que a mensagem do evangelho é revelacional, parte do que se pretende dizer é que Deus é aquele que inicia a fé em Cristo na pessoa, e não sua própria vontade ou desejo. Nenhum pregador pode fazer com que a luz do evangelho dissipe as trevas na mente do seu ouvinte – deve haver uma obra criativa e soberana de Deus. Neste sentido, a verdadeira iluminação espiritual é revelacional. Quando Pedro disse para Jesus, “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”, Jesus respondeu: “Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus” (Mateus 16:16-17).

O homem é incapaz de transformar as trevas que estão dentro da mente de outra pessoa em luz. Todavia, Deus usa meios pelos quais ele ilumina aqueles a quem

escolheu, de forma que ele ordena os cristãos a “pregar as boas novas a toda criatura” (Marcos 16:15), e o ministério de Paulo era um ministério que abria os olhos das pessoas e convertia-as “das trevas para luz” (Atos 26:18). Certamente, o poder para fazer isto “provém de Deus, e não de nós” (2Coríntios 4:7). “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer” (Romanos 9:18).

Portanto, uma pessoa não recebe iluminação espiritual através de um estilo de vida ascético, meditações prolongadas, orações prescritas, repetições de sílabas sem significado, realizações de cerimônias ridículas ou outros meios estranhos e tolos. O fundamento da vida cristã não é o auto-esforço; antes, a verdadeira espiritualidade começa quando Deus resgata uma pessoa da sua completa impotência espiritual. “Pois Deus, que disse: ‘Das trevas resplandeça a luz’, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Coríntios 4:6).

A salvação é “dom de Deus... não por obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8-9). Reconhecemos que fomos salvos somente devido à misericórdia de Deus, e não por causa de algo bom inerente em nós. Tudo o que é bom em nós, recebemos de Deus (1Coríntios 4:7), e não há lugar para jactância. Visto que todas as coisas boas procedem de Deus, e visto que ele é ilimitado, a vida cristã é uma vida caracterizada por uma “glória cada vez maior” (2Coríntios 3:18), enquanto as cosmovisões não-cristãs não podem nem mesmo começar a oferecer a verdadeira espiritualidade, mas antes, elas conduzem seus seguidores ao desespero, morte e condenação. Em contraste, a glória do cristão é uma que “vem do Senhor” (v. 18), e durará para sempre (v. 11).

Assim como somente Deus poderia sobrepujar as trevas físicas iniciais por seu poder criativo, somente ele pode conceder a iluminação verdadeira a uma pessoa por seu decreto soberano. Todas as tentativas das pessoas de chegar a Deus equivalem a um esforço religioso para construir uma Babel espiritual e intelectual. “Vinde, e construamos um edifício alto e forte o suficiente para alcançar os céus!”. Mas Deus “tornou louca a sabedoria deste mundo” (1Coríntios 1:20). Eles são ignorantes do fato que, ao estender o fundamento do auto-esforço sobre o qual construirão seu edifício de iluminação espiritual, eles estão na realidade cavando suas próprias covas. Todos os seus “atos de justiça são como trapo imundo” (Isaías 64:6), pois à parte da revelação cristã, não há nenhuma salvação, justiça, esperança e nenhum futuro.

Se até mesmo os cristãos não podem fazer algo sem Cristo (João 15:5), então os não-cristãos são verdadeiramente insignificantes “zês-ninguém”, vivendo vidas fúteis e sem significado. É tempo dos cristãos professos começar a ver as coisas dessa forma, e perceberem quão grande salvação (Hebreus 2:3) o Senhor Jesus Cristo comprou por seus eleitos com seu próprio sangue, e assim dar-lhe graças! A diferença entre o cristão e o não-cristão não é trivial, mas é tão grande quanto o abismo entre a luz e as trevas, Cristo e Belial, e o templo de Deus e dos ídolos (2Coríntios 6:14-16).

Porque a revelação divina é a fonte da cosmovisão cristã, isto significa que ela não é construída sobre a especulação fútil do homem ou suas deduções a partir de

primeiros princípios falsos; em vez disso, a cosmovisão cristã inteira vem da comunicação verbal de Deus à humanidade, que é a Escritura. Paulo adverte: “Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo” (Colossenses 2:8). Uma “filosofia” ou cosmovisão fundada sobre a mera tradição, convenção humana, ou pressuposições não-bíblicas é “vã e enganosa”. Ela promete muito, mas fracassa em cumprir. Ela parece inteligente e sofisticada em sua superfície (pelo menos para algumas pessoas), mas é facilmente exposta como tola e absurda. Ela alega ser uma representação correta da realidade, mas ao invés disso distorce e representa incorretamente o que é de fato o caso. Ela alega fornecer certeza, mas colapsa em total ceticismo sob o peso de suas próprias pressuposições falsas.

Ao invés de ser cativo por tal falsa filosofia, Paulo diz que nossa cosmovisão deveria depender totalmente de Cristo. Devemos contemplar as questões últimas a partir da perspectiva bíblica, controlada pelos princípios e pressuposições bíblicas. O ensino cristão fornece a única base autoritativa e correta para uma filosofia abrangente, pois tudo da plenitude da divindade reside em Cristo (Colossenses 2:9) – ele é o fundamento todo-suficiente para tudo da vida e pensamento. Além do mais, os cristãos “receberam a plenitude [em Cristo]” (v. 10), de forma que sabemos que temos acesso à sua plenitude e suficiência. E visto que Cristo é “o Cabeça de todo poder e autoridade” (v. 10), podemos estar certos de que nenhuma revelação ou profeta verdadeiro contradirá ou substituirá a Cristo.

SUMÁRIO E CONCLUSÃO

Numa de suas cartas aos Coríntios, Paulo escreve:

O que receio, e quero evitar, é que assim como a serpente enganou Eva com astúcia, a mente de vocês seja corrompida e se desvie da sua sincera e pura devoção a Cristo. Pois, se alguém lhes vem pregando um Jesus que não é aquele que pregamos, ou se vocês acolhem um espírito diferente do que acolheram ou um evangelho diferente do que aceitaram, vocês o toleram com facilidade. (2Coríntios 11:3-4)

Assim como Eva foi enganada por Satanás, muitos têm sido “desviados de [uma] sincera e pura devoção a Cristo”. Por que os coríntios foram facilmente enganados? Paulo diz que eles estavam dispostos a “suportar” (NIV)¹³ um Jesus diferente, um espírito diferente e um evangelho diferente. Em outras palavras, eles praticavam a “tolerância”.

Assim, os cristãos devem impor uma política de tolerância zero contra as heresias e falsas filosofias. Para continuarmos tendo uma “sincera e pura devoção a Cristo”, necessitamos construir nossa imunidade contra as idéias não-cristãs. Podemos mostrar cortesia e gentileza aos aderentes de outras religiões e cosmovisões, mas intelectualmente falando, não devemos nos simpatizar com nada que discorde da Escritura. Em Apocalipse 2, Jesus louva a igreja em Éfeso,

¹³ Nota do tradutor: Na NVI: “...vocês o toleram com facilidade”.

dizendo: “Conheço as suas obras, o seu trabalho árduo e a sua perseverança. Sei que você não pode tolerar homens maus, que pôs à prova os que dizem ser apóstolos mas não são, e descobriu que eles eram impostores” (v. 2).

Judas escreve: “Senti que era necessário escrever-lhes insistindo que batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos” (v. 3). Nossa fé foi “de uma vez por todas confiada aos santos”; portanto, ela não precisa ser atualizada, e não está sujeita à revisão. O evangelho bíblico como apresentado na Escritura não permite nenhuma revelação subsequente para substituí-lo ou suplementá-lo. Esta fé foi permanentemente estabelecida em sua plenitude por Jesus Cristo e seus apóstolos, e é esta fé que devemos crer e defender.

Aprendemos a partir de 2Coríntios 4:4-6 que o evangelho é intelectual em natureza, cristológico em conteúdo e revelacional em origem. A iluminação espiritual que leva à vida eterna através da fé em Cristo vem somente a partir da revelação cristã. Tal mensagem do evangelho é no final das contas também uma mensagem invencível, com a qual nenhuma outra mensagem ou cosmovisão pode competir ou comparar. Sua declaração destemida pelos crentes é o meio pelo qual Deus realiza seus propósitos e planos para humanidade, quer para a salvação dos seus eleitos, ou para a condenação dos réprobos. Jesus Cristo é a luz das nossas mentes, e todo aquele que o rejeita permanece em trevas e morte.

4. O PROBLEMA DO MAL

Uma das objeções mais populares, porém sobreestimada, contra o Cristianismo, é o assim chamado “problema do mal”. A objeção alega que o que o Cristianismo afirma sobre Deus é logicamente irreconciliável com a existência do mal. Aqueles que fazem esta objeção afirmam que eles sabem, com certeza, que o mal existe, e, visto que isto é incompatível com o Deus cristão, então se segue que não há Deus, ou isto mostra, no mínimo, que o que o Cristianismo afirma sobre Deus é falso.

Usando o problema do mal, os incrédulos têm conseguido confundir muitos cristãos professos, e parece que muitos daqueles que alegam ser cristãos estão, eles mesmos, perturbados pela existência do mal, ou pela quantia de mal neste mundo. Alguns crentes conseguem fornecer respostas plausíveis que não são totalmente convincentes, enquanto muitos outros simplesmente chamam a existência do mal de um mistério. Contudo, até onde a Escritura trata do assunto, de forma que há algo que foi revelado, os cristãos não têm o direito de chamá-lo de um mistério no sentido de algo que está oculto. Simplesmente porque não podemos entender tudo sobre a existência do mal, não significa que devemos ignorar o que a Escritura claramente revela sobre ele.

Por outro lado, as respostas meramente plausíveis são insuficientes quando a Bíblia fornece uma resposta infalível e uma defesa invencível. No que se segue, veremos que a existência do mal não apresenta nenhum desafio ao conceito cristão de Deus, ou a qualquer aspecto do Cristianismo. Na verdade, são as cosmovisões não-cristãs que não podem fazer sentido da existência do mal, se é que elas podem ter um conceito do mal.

O PROBLEMA

Os cristãos afirmam que Deus é onipotente (todo-poderoso) e oni-benevolente (todo-amoroso). Nossos oponentes argumentam que, se Deus é todo-poderoso, então possui a capacidade de acabar com o mal, e se ele é todo-amoroso, então deseja acabar com o mal;¹ contudo, visto que o mal ainda existe, isto significa que Deus não existe, ou pelo menos significa que as coisas que os cristãos afirmam sobre ele são falsas. Isto é, mesmo que Deus exista, visto que o mal também existe, ele não pode ser tanto todo-poderoso como todo-amoroso, mas os cristãos insistem que ele é tanto todo-poderoso como todo-amoroso; portanto, o Cristianismo deve ser falso.

Aqueles que usam este argumento contra o Cristianismo podem formulá-lo de maneiras diferentes, mas, a despeito da forma precisa em que o argumento é tomado, o ponto é que os cristãos não podem afirmar todos os atributos divinos, pois assim fazer seria logicamente incompatível com o problema do mal. E se este é o caso, então, o Cristianismo é falso. Embora os cristãos tenham agonizado com este assim chamado “problema do mal” por séculos, o argumento é extremamente fácil de refutar; ele é uma das objeções mais estúpidas que já vi, e mesmo como criança eu o consideraria um argumento tolo. Muitas pessoas têm inquietações com a existência do mal, não porque o mesmo possua qualquer desafio lógico ao Cristianismo, mas porque eles são sobrepujados pelas emoções que o assunto gera, e estas fortes emoções desqualificam

¹ Às vezes o argumento inclui o fato de que os cristãos afirmam que Deus é também onisciente (conhece tudo) — se Deus conhece tudo, então ele sabe como destruir o mal.

efetivamente o nível mínimo de julgamento e inteligência que eles normalmente exibem.

Agora, visto que os oponentes do Cristianismo reivindicam que o problema do mal é um argumento *lógico* contra o Cristianismo, em resposta precisamos somente mostrar que a existência do mal não contradiz *logicamente* o que o Cristianismo ensina sobre Deus. Embora a Escritura também responda suficientemente aos aspectos emocionais deste assunto, não é nossa responsabilidade apresentar e defender estas respostas dentro do contexto do debate lógico. De fato, os problemas emocionais que as pessoas têm com a existência do mal e sua falta de respostas a estes problemas são totalmente consistentes com o que a Escritura ensina. Assim, nos focaremos em responder à existência do mal como um desafio lógico.

LIVRE-ARBÍTRIO

Muitos cristãos favorecem a “defesa do livre-arbítrio” ao responder o problema do mal. No contexto das narrativas bíblicas, esta abordagem declara que, quando Deus criou o homem, ele lhe concedeu o livre-arbítrio – um poder para fazer decisões independentes, até mesmo se rebelar contra o seu Criador. Certamente Deus estava ciente de que o homem pecaria, mas este foi o preço de conceder ao homem o livre-arbítrio. Ao criar o homem com o livre-arbítrio, Deus também criou o potencial para o mal, mas, até onde a defesa do livre-arbítrio vai, visto que o homem é verdadeiramente livre, a culpa da realização deste potencial para o mal pode ser lançada somente sobre o próprio homem. Aqueles que usam a defesa do livre-arbítrio adicionariam que o potencial ou até mesmo a realização do mal não é um preço tão alto para se conceder ao homem um livre-arbítrio genuíno.

Embora muitos cristãos professos usem a defesa do livre-arbítrio, e para algumas pessoas a explicação possa parecer razoável, esta é uma teodicéia irracional e anti-bíblica – ela falha em responder o problema do mal, e contradiz a Escritura. Primeiro, esta abordagem somente posterga o tratamento do problema, visto que transforma o debate do porquê o mal existe no universo de Deus para porquê Deus criou um universo com o potencial para tão grande mal. Segundo, os cristãos afirmam que Deus é onisciente, de forma que ele não criou o universo e a humanidade apenas estando ciente de que eles tinham o potencial para se tornarem maus; antes, ele sabia com certeza que eles se tornariam maus. Assim, seja diretamente ou indiretamente, Deus criou o mal.²

Nós podemos distinguir entre mal natural e mal moral – mal natural inclui desastres naturais tais como terremotos e enchentes, enquanto que o mal moral refere-se às ações ímpias que as criaturas racionais cometem. Agora, mesmo se a defesa do livre-arbítrio fornecer uma explanação satisfatória para o mal moral, ela falha em tratar adequadamente o mal natural. Alguns cristãos podem reivindicar que é o mal moral que leva ao mal natural; contudo, somente Deus tem o poder para criar uma relação entre os dois, visto que os terremotos e as enchentes não têm relações necessárias com os assassinatos e roubos, a menos que Deus o faça – isto é, a menos que Deus decida

² A doutrina do “livre-arbítrio” é anti-bíblica e herética, e alguns têm seguido a doutrina até o seu próximo passo lógico, ao dizer que se o homem é verdadeiramente livre, então Deus não pode realmente saber com certeza o que o homem fará, negando dessa forma a onisciência de Deus. Contudo, ainda assim, Deus saberia que é possível para o livre-arbítrio produzir males extremos e horrendos, de forma que o mesmo problema permanece.

causar terremotos e enchentes por causa dos assassinatos e roubos cometidos pelas suas criaturas. Assim, Deus novamente parece ser a causa última do mal, seja natural ou moral.

Mesmo se o pecado de Adão tivesse trazido morte e decadência, não somente à humanidade, mas também aos animais, a Escritura insiste que nenhum pardal pode morrer aparte da vontade de Deus (Mateus 10:29). Isto é, se há qualquer relação entre o mal moral e o mal natural, a relação não é inerente (como se algo fosse inerente à parte da vontade de Deus), mas, antes, é soberanamente imposta por Deus. Mesmo o aparentemente insignificante não pode ocorrer sem – não meramente a permissão – a vontade ativa e o decreto de Deus. Os cristãos não são deístas – nós não cremos que este universo funciona por uma série de leis naturais que são independentes de Deus. A Bíblia nos mostra que Deus está agora ativamente administrando o universo, de forma que nada pode acontecer ou continuar a existir à parte do poder ativo e do decreto de Deus (Colossenses 1:17; Hebreus 1:3). Se devemos usar o termo de alguma forma, o que chamamos “leis naturais” são somente descrições de como Deus age regularmente, embora ele não esteja, de forma alguma, obrigado a agir dessa maneira.

Os cristãos devem rejeitar a defesa do livre-arbítrio simplesmente porque a Escritura rejeita o livre-arbítrio; antes, a Escritura ensina que Deus é o único que possui livre-arbítrio. Ele diz em Isaías 46:10: “Meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada”. Por outro lado, a vontade do homem é sempre escrava, ou do pecado ou da justiça: “Mas, graças a Deus, porque, embora vocês tenham sido escravos do pecado, passaram a obedecer de coração à forma de ensino que lhes foi transmitida. Vocês foram libertados do pecado e tornaram-se escravos da justiça” (Romanos 6:17-18). O livre-arbítrio não existe – ele é um conceito assumido por muitos cristãos professos sem uma garantia bíblica.

Outra suposição popular é que a capacidade moral é o pré-requisito de responsabilidade moral. Em outras palavras, a suposição é que, se uma pessoa é incapaz de obedecer às leis de Deus, então, ela não pode ser moralmente responsável de responder a estas leis, e, portanto, Deus não poderia e não os puniria por desobedecer estas leis. Contudo, assim como a suposição de que o homem tem livre-arbítrio, esta suposição de que a responsabilidade moral pressupõe a capacidade moral é também anti-bíblica e injustificável.

Com referência aos incrédulos, Paulo escreve: “A mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo” (Romanos 8:7). Se é verdade que a responsabilidade moral pressupõe a capacidade moral, e Paulo declara que o pecador carece desta capacidade, então, segue-se que nenhum pecador é responsável por seus pecados. Isto é, se um pecador de fato é um pecador apenas se tiver a capacidade de obedecer mas se recusa a fazê-lo, visto que Paulo diz que o pecador realmente carece da capacidade para obedecer, então, segue-se que um pecador não é um pecador. Contudo, isto é uma contradição, e é uma contradição que a Bíblia nunca ensina.

A Bíblia ensina que o não-cristão é um pecador, e ao mesmo tempo ensina que ele carece da capacidade para obedecer a Deus. Isto significa que o homem é moralmente responsável, mesmo se lhe falta a capacidade moral; isto é, o homem deve obedecer a Deus mesmo se ele não o pode fazer. É pecaminoso para uma pessoa o desobedecer a Deus, tenha ele ou não a capacidade para agir de outra forma. Assim, a responsabilidade moral não é baseada na capacidade moral ou no livre-arbítrio; antes, a responsabilidade

moral é baseada na soberania de Deus – o homem deve obedecer aos mandamentos de Deus porque Deus diz que o homem deve obedecer, e se ele tem ou não a capacidade para obedecer, é irrelevante.

Em primeiro lugar, o livre-arbítrio é logicamente impossível. Se descrevermos o exercício do livre-arbítrio como um movimento da mente em certa direção, a questão que se levanta é: o que move a mente e por que ele move a mente para onde ela é movida? Responder que o “eu” move a mente não responde a pergunta, visto que a mente é o eu, e, portanto, a mesma pergunta permanece.

Por que a mente se move numa direção ao invés de outra? Se pudermos traçar a causa de seus movimentos e direção aos fatores externos à própria mente, fatores que, eles mesmos, influenciam a consciência, e dessa forma, influenciam e determinam a decisão, então, como este movimento da mente é livre? Se pudermos traçar a causa às disposições inatas de uma pessoa, então, este movimento da vontade não é livre ainda, visto que, embora estas disposições inatas influenciem decisivamente a decisão, a própria pessoa não escolheu livremente estas disposições inatas em primeiro lugar.

O mesmo problema permanece se dissermos que as decisões de uma pessoa são determinadas por uma mistura de suas disposições inatas com as influências externas. Se a mente toma decisões baseadas em fatores não escolhidos pela mente, então, estas escolhas nunca são livres no sentido em que são feitas à parte do controle soberano de Deus – elas não são feitas livres de Deus. A Escritura ensina que Deus não somente exerce controle imediato sobre a mente do homem, mas Deus também determina absolutamente todas as disposições inatas e os fatores externos relacionados com a vontade do homem. É Deus quem forma uma pessoa no ventre, e é ele quem arranja as circunstâncias externas pela sua providência.

Portanto, embora possamos afirmar que o homem tem uma vontade como uma função da mente, de forma que a mente faz escolhas, estas nunca são escolhas livres, porque tudo o que tem a ver com cada decisão foi determinado por Deus. Visto que a vontade nunca é livre, nunca deveríamos usar a teodicéia do livre-arbítrio quando tratando do problema do mal.

A SOBERANIA DE DEUS

Muitos cristãos professos se sentem desconfortáveis com o ensino bíblico de que o homem não tem livre-arbítrio, visto que o mesmo parece fazer Deus “responsável” pela existência e continuação do mal. Assim, nesta seção, providenciaremos uma breve exposição do que a Escritura ensina sobre o assunto, mostrando que afirmar a Escritura é rejeitar o livre-arbítrio.

A Escritura ensina que a vontade de Deus determina todas as coisas. Nada existe ou acontece sem Deus, não meramente permitindo, mas ativamente desejando que exista ou aconteça:

Desde o início faço conhecido o fim, desde tempos remotos, o que ainda virá. Digo: Meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada (Isaías 46:10).

Não se vendem dois pardais por uma moedinha? Contudo, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do Pai de vocês. (Mateus 10:29).

Deus controla não somente os eventos naturais, mas controla também todos os assuntos e decisões humanas:

Como são felizes aqueles que escolhes e trazes a ti, para viverem nos teus átrios! Transbordamos de bênçãos da tua casa, do teu santo templo! (Salmos 65:4).

O Senhor faz tudo com um propósito; até os ímpios para o dia do castigo (Provérbios 16:4).

Em seu coração o homem planeja o seu caminho, mas o Senhor determina os seus passos (Provérbios 16:9)

Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor. Como poderia alguém discernir o seu próprio caminho? (Provérbios 20:24).

O coração do rei é como um rio controlado pelo Senhor; ele o dirige para onde quer (Provérbios 21:1)

Os dias do homem estão determinados; tu decretaste o número de seus meses e estabeleste limites que ele não pode ultrapassar (Jó 14:5).

Todos os povos da terra são como nada diante dele. Ele age como lhe agrada com os exércitos dos céus e com os habitantes da terra. Ninguém é capaz de resistir à sua mão ou dizer-lhe: “O que fizeste?” (Daniel 4:35).

Mas, ao partir, prometeu: “Voltarei, se for da vontade de Deus”. Então, embarcando, partiu de Éfeso (Atos 18:21).

Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele (Filipenses 2:13).

Ouçam agora, vocês que dizem: “Hoje ou amanhã iremos para esta ou aquela cidade, passaremos um ano ali, faremos negócios e ganharemos dinheiro”. Vocês nem sabem o que lhes acontecerá amanhã! Que é a sua vida? Vocês são como a neblina que aparece por um pouco de tempo e depois se dissipa. Ao invés disso, deveriam dizer: “Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo” (Tiago 4:13-15).

Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas (Apocalipse 4:11)

Se Deus realmente determina todos os eventos naturais e assuntos humanos, então, segue-se que ele também decretou a existência do mal. Isto é o que a Bíblia explicitamente ensina:

Disse-lhe o SENHOR: “Quem deu boca ao homem? Quem o fez surdo ou mudo? Quem lhe concede vista ou o torna cego? Não sou eu, o SENHOR? (Êxodo 4:11).

Quem poderá falar e fazer acontecer, se o Senhor não o tiver decretado? Não é da boca do Altíssimo que vêm tanto as desgraças como as bênçãos? (Lamentações 3:37-38).

Eu formo a luz e crio as trevas, promovo a paz e causo a desgraça; eu, o Senhor, faço todas essas coisas (Isaías 45:7).

Vocês venderam o povo de Judá e o de Jerusalém aos gregos, mandando-os para longe da sua terra natal (Amós 3:6).

O maior ato de maldade e injustiça moral na história humana é dito ter sido ativamente executado por Deus através dos seus agentes secundários:

Contudo, foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o Senhor tenha feito da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão (Isaías 53:10)

De fato, Herodes e Pôncio Pilatos reuniram-se com os gentios e com o povo de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste. Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse (Atos 4:27-28).

Em todo caso, Deus decretou a morte de Cristo por uma boa razão, a saber, a redenção dos seus eleitos. Da mesma forma, seu decreto para a existência do mal é para um propósito digno de sua glória. Os eleitos e os réprobos são ambos criados para esta razão:

Direi ao norte: Entregue-os! e ao sul: Não os retenha. De longe tragam os meus filhos, e dos confins da terra as minhas filhas; todo o que é chamado pelo meu nome, a quem criei para a minha glória, a quem formei e fiz (Isaías 43:6-7).

Nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade, a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória (Efésios 1:11-12).

Então endurecerei o coração do faraó, e ele os perseguirá. Todavia, eu serei glorificado por meio do faraó e de todo o seu exército; e os egípcios saberão que eu sou o SENHOR... (Êxodo 14:4)

Pois a Escritura diz ao faraó: “Eu o levantei exatamente com este propósito: mostrar em você o meu poder, e para que o meu nome seja proclamado em toda a terra”. E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para a destruição? Que dizer, se ele fez isto para tornar conhecidas as riquezas de sua glória aos vasos de sua misericórdia, que preparou de antemão para glória, (Romanos 9:17, 22-23).

Baseados nas passagens acima, chegamos à seguinte conclusão: Deus controla tudo o que existe e tudo o que acontece. Não há nada que aconteça que ele não tenha ativamente decretado – nem mesmo um simples pensamento na mente do homem. Visto que isto é verdadeiro, segue-se que Deus decretou a existência do mal; ele não o permitiu meramente, como se algo pudesse se originar e acontecer à parte de sua vontade e poder. Visto que temos mostrado que nenhuma criatura pode fazer decisões completamente independentes, o mal nunca poderia ter começado sem o decreto ativo de Deus, e não poderia continuar nem por um momento à parte da vontade de Deus.

Deus decretou o mal, no final das contas, para a sua própria glória, embora não seja necessário conhecer ou declarar esta razão para defender o Cristianismo do problema do mal.

Todavia, aqueles que vêem que é completamente impossível desassociar Deus da origem e continuação do mal, tentam distanciar Deus do mal dizendo que Deus meramente “permitiu” o mal, e que ele não causou nada dele. Contudo, visto que a própria Escritura declara que Deus ativamente decretou tudo, e que nada pode acontecer à parte da sua vontade e do seu poder, não faz sentido dizer que ele meramente permite algo – nada acontece por mera permissão de Deus.

Visto que “nele vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17:28), num nível metafísico, é absolutamente impossível fazer algo em independência de Deus. Sem ele, uma pessoa não pode nem mesmo pensar ou se mover. Como, então, o mal pode ser tramado e cometido em total independência de Deus? Como alguém pode ao menos pensar o mal, à parte da vontade e do propósito de Deus? Ao invés de tentar “proteger” Deus de algo que ele não precisa ser protegido, deveríamos reconhecer alegremente com a Bíblia que Deus decretou ativamente o mal, e então, tratar com o assunto sobre esta base.

O censo de Israel realizado por Davi fornece um exemplo do mal decretado por Deus e realizado através dos agentes secundários:

Mais uma vez irou-se o SENHOR contra Israel e incitou Davi contra o povo, levando-o a fazer um censo de Israel e de Judá (2Samuel 24:1).

Satanás levantou-se contra Israel e levou Davi a fazer um recenseamento do povo (1Crônicas 21:1).

Os dois versículos referem-se ao mesmo incidente. Não há contradição se a visão que está aqui sendo apresentada é verdadeira. Deus decretou que Davi pecaria fazendo o censo, mas ele fez com que Satanás realizasse a tentação como um agente secundário.³ Mais tarde, Deus puniu Davi por cometer este pecado:

Depois de contar o povo, Davi sentiu remorso e disse ao SENHOR: “Pequei gravemente com o que fiz! Agora, SENHOR, eu imploro que perdoes o pecado do teu servo, porque cometi uma grande loucura!” Levantando-se Davi pela manhã, o SENHOR já tinha falado a Gade, o vidente dele: “Vá dizer a Davi: Assim diz o SENHOR: ‘Estou lhe dando três opções de punição; escolha uma delas, e eu a executarei contra você’ ”. Então Gade foi a Davi e lhe perguntou: “O que você prefere: três anos de fome em sua terra; três meses fugindo de seus adversários, que o perseguirão; ou três dias de praga em sua terra? Pense bem e diga-me o que deverei responder àquele que me enviou”. Davi respondeu: “É grande a minha angústia! Prefiro cair nas mãos do SENHOR, pois grande é a sua misericórdia, a cair nas mãos dos homens” (2 Samuel 24:10-14).

Embora o mal do qual estamos falando seja deveras negativo, o fim último, que é a glória de Deus, é positivo. Deus é o único que possui dignidade intrínseca, e se ele decide que a existência do mal irá servir, no final das contas, para glorificá-lo, então, o decreto é, por definição, bom e justificável. Alguém que pensa que a glória de Deus não

³ O próprio Satanás é uma criatura, e, portanto, não tem livre-arbítrio. Todas suas ações e decisões são controladas por Deus.

é digna da morte e sofrimento de bilhões de pessoas tem uma opinião muito alta de si mesmo e da humanidade. A dignidade de uma pessoa pode ser derivada somente do seu criador ou lhe dada por ele, e à luz do propósito para o qual o Criador lhe fez. Visto que Deus é o único padrão de medida, se ele pensa que algo é justificável, então, este é, por definição, justificável. Os cristãos não deveriam ter problemas em afirmar tudo isto, e aqueles que acham difícil aceitar o que a Escritura explicitamente ensina, deveriam reconsiderar seu compromisso espiritual, para ver se eles estão verdadeiramente na fé.

Muitas pessoas contestarão o direito e a justiça de Deus em decretar a existência do mal para a sua própria glória e propósito. Ao discutir a divina eleição, na qual Deus escolhe alguns para salvação e condena todos os outros, Paulo antecipa uma objeção similar, e escreve:

Mas algum de vocês me dirá: “Então, por que Deus ainda nos culpa? Pois, quem resiste à sua vontade?” Mas quem é você, ó homem, para questionar a Deus? “Acaso aquilo que é formado pode dizer ao que o formou: ‘Por que me fizeste assim?’” O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso? (Romanos 9:19-21)

Efetivamente, Paulo está dizendo, “Certamente o Criador tem o direito de fazer o que ele quiser com as suas criaturas. E, em primeiro lugar, quem é você para fazer tal objeção?”. Alguns objetam que o homem é maior do que um “pedaço de barro”; eu até mesmo já vi um escritor cristão professo fazer esta fútil objeção. Primeiro, esta é uma analogia bíblica, e um cristão verdadeiro não irá contestá-la. Mas se alguém contestá-la, então, o debate se torna um sobre a infalibilidade bíblica, que deve ser resolvido primeiro, antes de se retornar a esta analogia. Visto que eu tenho estabelecido a infalibilidade bíblica em outro lugar, a negação da infalibilidade bíblica não é uma opção aqui. Segundo, se um homem é mais do que um pedaço de barro, então, Deus também é algo mais do que um oleiro – ele é infinitamente maior do que um oleiro. A analogia é apropriada quando entendemo-la dizer o que ela significa, isto é, Deus como Criador tem o direito de fazer o que quiser com as suas criaturas. “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer” (Romanos 9:18).

Para uma pessoa ter dificuldade em aceitar que Deus decretou a existência do mal implica que ele encontra algo “errado” em Deus fazer tal decreto. Contudo, qual é o padrão de certo e errado pelo qual esta pessoa julga as ações de Deus? Se há um padrão moral superior a Deus, ao qual o próprio Deus é responsável, e pelo qual o próprio Deus é julgado, então, este “Deus” não é Deus de forma alguma; antes, este padrão maior seria Deus. Contudo, o conceito cristão de Deus refere-se ao mais alto ser e padrão, assim, não há, por definição, nada mais alto. Em outras palavras, se há algo mais alto do que o “Deus” contra o qual uma pessoa está argumentando, então, esta pessoa não está realmente se referindo ao Deus cristão. Visto que este é o caso, não há padrão mais alto do que Deus, ao qual o próprio Deus seja responsável e pelo qual o próprio Deus seja julgado. Portanto, é logicamente impossível acusar Deus de fazer algo moralmente errado.

Jesus diz que somente Deus é bom (Lucas 18:19), de forma que toda “bondade” em outras coisas pode ser somente derivada. A natureza de Deus define a própria bondade, e visto que nele “não há mudança nem sombra de variação” (Tiago 1:17, ARC), ele é o único e constante padrão de bondade. Não importa quão moral eu seja, ninguém pode me considerar o padrão objetivo de bondade, visto que a palavra “moral” não tem sentido, a menos que seja usada com relação ao caráter de Deus. Isto é, quão “moral”

uma pessoa é refere-se ao grau de conformidade de seu caráter com o caráter de Deus. Ao grau em que uma pessoa pensa e age de acordo com natureza e os mandamentos de Deus, ele é moral. Diferentemente, não há diferença moral entre altruísmo e egoísmo; virtude e vício são conceitos sem significados; estupro e assassinato não são crimes, mas eventos amorais.

Contudo, visto que Deus chama a si mesmo de bom, e visto que Deus definiu a bondade para nós revelando sua natureza e bondade, o mal é, dessa forma, definido como algo que é contrário à sua natureza e aos seus mandamentos. Visto que Deus é bom, e visto que ele é a única definição de bondade, é bom também que ele tenha decretado a existência do mal. Não há padrão de bom e mal pelo qual possamos denunciar seu decreto como errado ou mal. Não estamos afirmando que o mal é bom – o que seria uma contradição – mas, estamos dizendo que o decreto de Deus para a existência do mal é bom.

Hebreus 6:13 diz: “Quando Deus fez a sua promessa a Abraão, por não haver ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo.”. Em outras palavras, não há ninguém a quem Deus precise prestar contas, e não há corte a qual alguém possa arrastá-lo para lançar acusações contra ele. Ninguém julga Deus; antes, toda pessoa é julgada por ele. Outras passagens bíblicas relevantes incluem as seguintes:

Ainda que quisesse discutir com ele, não conseguiria argumentar nem uma vez em mil. Sua sabedoria é profunda, seu poder é imenso. Quem tentou resistir-lhe e saiu ileso? Ele transporta montanhas sem que elas o saibam, e em sua ira as põe de cabeça para baixo. Sacode a terra e a tira do lugar, e faz suas colunas tremerem. Fala com o sol, e ele não brilha; ele veda e esconde a luz das estrelas. Só ele estende os céus e anda sobre as ondas do mar. Ele é o Criador da Ursa e do Órion, das Plêiades e das constelações do sul. Realiza maravilhas que não se pode perscrutar, milagres incontáveis. Quando passa por mim, não posso vê-lo; se passa junto de mim, não o percebo. Se ele apanha algo, quem pode pará-lo? Quem pode dizer-lhe: ‘O que fazes?’ (Jó 9:3-12).

Aquele que contende com o Todo-poderoso poderá repreendê-lo? Que responda a Deus aquele que o acusa!” Então Jó respondeu ao Senhor: “Sou indigno; como posso responder-te? Ponho a mão sobre a minha boca. Falei uma vez, mas não tenho resposta; sim, duas vezes, mas não direi mais nada”. Depois, o Senhor falou a Jó do meio da tempestade: “Prepare-se como simples homem que é; eu lhe farei perguntas, e você me responderá. “Você vai pôr em dúvida a minha justiça? Vai condenar-me para justificar-se? (Jó 40:2-8).

“Ai daquele que contende com seu Criador, daquele que não passa de um caco entre os cacos no chão. Acaso o barro pode dizer ao oleiro: ‘O que você está fazendo?’ Será que a obra que você faz pode dizer: ‘Você não tem mãos?’ Ai daquele que diz a seu pai: ‘O que você gerou?’, ou à sua mãe: ‘O que você deu à luz?’ “Assim diz o Senhor, o Santo de Israel, o seu Criador: A respeito de coisas vindouras, você me pergunta sobre meus filhos, ou me dá ordens sobre o trabalho de minhas mãos? (Isaías 45:9-11).

Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos! “Quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?” “Quem primeiro

lhe deu, para que ele o recompense?” Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém. (Romanos 11:33-36).

Visto que derivamos nosso próprio conceito e definição de bondade à partir de Deus, acusá-lo de maldade seria como dizer que o bom é mal, o que é uma contradição.

A SOLUÇÃO

Tendo demolido a popular, porém irracional e anti-bíblica, defesa do livre-arbítrio, examinaremos agora a resposta bíblica ao problema do mal. Repitamos primeiro o argumento dos incrédulos:

1. O Deus cristão é todo-poderoso e todo-amoroso.
2. Se ele é todo-poderoso, então é capaz de acabar com todo mal.
3. Se ele é todo-amoroso, então deseja acabar com todo mal.
4. Mas o mal ainda existe.
5. Portanto, o Deus cristão não existe.⁴

O argumento encontra um obstáculo insuperável quando chegamos na premissa (3), a saber, o não-cristão não pode encontrar uma definição de amor que sustente esta premissa sem destruir o argumento. Isto é, por qual definição de amor sabemos que um Deus todo-amoroso desejaria destruir o mal? Ou, por qual definição de amor sabemos que um Deus todo-amoroso já teria destruído o mal?

Se esta definição de amor vem de fora da Bíblia, então, por que a cosmovisão bíblica tem que respondê-la? Formar um argumento usando uma definição não-bíblica de amor seria fazer o argumento irrelevante como um desafio ao Cristianismo. Por outro lado, se tomamos a definição de amor da Bíblia, então, aquele que usa este argumento deve mostrar que a própria Bíblia define amor de uma forma que requer um Deus todo-amoroso destruir o mal, ou já ter destruído o mal. A menos que o não-cristão possa defender com sucesso a premissa (3), o argumento do problema do mal falha antes mesmo de terminarmos de lê-lo.

Agora, se o não-cristão usa uma definição não-bíblica de amor na premissa (1), então, o argumento é uma falácia enganadora desde o início. Mas se o não-cristão usa a definição bíblica de amor na premissa (1), e então substitui por uma definição não-bíblica de amor na premissa (3), então, ele comete a falácia do equívoco. Se é assim, então o máximo que seu argumento pode fazer é apontar que ele tem uma definição não-bíblica de amor, mas seria completamente irrelevante como um desafio ao Cristianismo.

Por outro lado, se ele tenta usar a definição bíblica de amor, então, para seu argumento ser relevante, a própria Escritura teria que definir amor de uma maneira que requiera Deus destruir o mal, ou já ter destruído o mal. Contudo, embora a Escritura ensine que Deus é amoroso, ela também ensina que existe mal no mundo, e que este mal está, no final das contas, debaixo do controle completo e soberano de Deus. Portanto, a própria Escritura nega que haja qualquer relação entre o amor de Deus e a existência do mal.

⁴ Certamente, pessoas diferentes podem apresentar formulações diferentes do problema do mal, mas minha refutação se aplicará a todas elas.

Para o argumento do problema do mal permanecer, o não-cristão deve estabelecer a premissa, “O amor de Deus contradiz a existência do mal”, ou algo com este efeito. Mas a própria Escritura não afirma esta premissa, e se o não-cristão tentar argumentar esta premissa com definições de amor e mal encontradas em sua própria cosmovisão não-bíblica, então, tudo que ele consegue é mostrar que a cosmovisão bíblica é diferente da cosmovisão não-bíblica. Nós já sabemos disto, mas, o que acontece com o problema do mal? O não-cristão aponta para o ensino escriturístico sobre o amor de Deus, então, contrabandeia uma definição não-bíblica de amor que requer que Deus destrua o mal, e depois disto, estupidamente se vanglória da “contradição” que ele produziu.

Se uma pessoa quer desafiar a Bíblia ou responsabilizá-la pelo que ela diz, então tal pessoa deve primeiro deixar que a Bíblia defina os seus próprios termos; de outra forma, ela pode somente desafiar o que a Bíblia *não* diz, o que torna a objeção irrelevante. O não-cristão deve demonstrar porque o amor de Deus *necessariamente* implica que ele deve ou que deseje destruir o mal, ou que *necessariamente* implica que ele deveria ou que desejaria já ter destruído o mal.

Responder algo como, “Porque um Deus amoroso desejaria aliviar o sofrimento”, não ajudaria em nada, visto que esta resposta apenas declara novamente a premissa em diferentes palavras, de forma que a mesma pergunta permanece. Por que um Deus amoroso deseja aliviar o sofrimento? Em primeiro lugar, como alguém define o sofrimento? Se o não-cristão não pode definir amor ou sofrimento, ou se ele não pode logicamente impor suas definições sobre o cristão, então sua premissa equivale a dizer que um Deus com um atributo indefinido X deve desejar destruir ou ter destruído um Y indefinido. Mas se ele não pode definir nem X e nem Y, então, ele não tem premissa inteligível sobre a qual construir um argumento inteligível contra o Cristianismo.

Outro tipo de resposta pode dizer, “Porque Deus desejaria triunfar sobre o mal”. Novamente, qual é a definição de “triunfar”? Se o próprio Deus é a causa última do mal, e se Deus exerce total e constante controle sobre ele, então, em que sentido Deus estaria *alguma vez* “perdendo” para o mal? Assim, seja o que for que um não-cristão diga, ele encontra o mesmo problema, e é impossível para ele estabelecer que o amor de Deus contradiz a existência do mal.

Antes, visto que a Bíblia ensina tanto sobre o amor de Deus como sobre a realidade do sofrimento, é legítimo concluir que, da perspectiva bíblica, o amor de Deus não implica necessariamente que ele deva destruir o mal, ou que ele já deveria o ter destruído. Certamente, isto não pode ser assim à partir de uma perspectiva não-bíblica, mas novamente, isto somente mostra que a cosmovisão bíblica diverge das cosmovisões não-bíblicas, o que já sabemos, e que é a razão do debate. Mas o não-cristão ainda não nos deu uma objeção real e inteligível.

Enquanto o não-cristão falhar em estabelecer a premissa (3), que o amor de Deus contradiz a existência do mal, o cristão não está sob a obrigação de tomar seriamente o problema do mal como um argumento contra o Cristianismo. De fato, visto que o não-cristão falha em definir alguns dos termos-chave, ninguém pode logicamente sequer entender o argumento – não há argumento, e não nenhuma objeção real a ser respondida.

Se pararmos aqui, já teremos refutado o assim chamado problema do mal, tendo mostrado que não há tal problema de maneira alguma. Contudo, apenas para a discussão continuar, aceitaremos a premissa por ora; isto é, por causa do argumento, assumiremos

que o amor de Deus, de alguma forma, contradiz a existência do mal, enquanto guardamos em mente que isto é algo que a Escritura nunca ensina, e que os não-cristãos nunca estabeleceram.

Agora, os não-cristãos argumentam que, dado a existência do mal, o Deus cristão não pode logicamente existir. Em resposta, já mostramos que o não-cristão não pode estabelecer a premissa de que um Deus todo-amoroso deve necessariamente destruir ou desejar destruir o mal. Tendo dito isto, procedemos agora para apontar que as premissas do argumento não levam necessariamente à conclusão do não-cristão em primeiro lugar; antes, muitas conclusões diferentes são possíveis:

1. O Deus cristão é todo-poderoso e todo-amoroso.
 2. Se ele é todo-poderoso, então é capaz de acabar com todo mal.
 3. Se ele é todo-amoroso, então deseja acabar com todo mal.
 4. Mas o mal ainda existe.
 5. Portanto, *Deus tem um bom propósito para o mal.*
1. O Deus cristão é todo-poderoso e todo-amoroso.
 2. Se ele é todo-poderoso, então é capaz de acabar com todo mal.
 3. Se ele é todo-amoroso, então deseja acabar com todo mal.
 4. Mas o mal ainda existe.
 5. Portanto, *Deus eventualmente destruirá o mal.*

Sem declarar imediatamente se pensamos que os argumentos acima são válidos ou inválidos, o ponto é que num argumento válido, as premissas devem *necessária* e *inevitavelmente* conduzir à conclusão. Contudo, no argumento a partir do problema do mal, as premissas de forma alguma conduzem *necessária* e *inevitavelmente* à conclusão. Portanto, o argumento do problema do mal é inválido.

Ao invés de usar a realidade do mal para negar a existência de Deus, as duas versões revisadas acima chegam a duas conclusões diferentes. Novamente, eu não disse se estas duas versões revisadas são bons argumentos, e não disse que as premissas necessária e inevitavelmente levam a estas duas conclusões; antes, tudo que estou tentando mostrar é que as premissas não levam necessária e inevitavelmente à conclusão do não-cristão, e isto é suficiente para mostrar que seu argumento é inválido.

Alguns não-cristãos dizem que se os cristãos alegam que Deus tem um bom propósito para o mal, então os cristãos devem também declarar e defender este propósito. Contudo, os não-cristãos nunca foram capazes de mostrar *o porquê* os cristãos devem declarar e defender este propósito. O debate é sobre se as premissas dadas levam, *necessária* e *inevitavelmente*, à conclusão do não-cristão. Se há ou não um bom propósito para o mal, e se os cristãos podem ou não declarar e defender este propósito, é completamente irrelevante. A Escritura deveras explica pelo menos uma parte do propósito de Deus para o mal, mas novamente, ele não é logicamente necessário ou relevante para o debate.

Há mais. Agora, o não-cristão argumenta que Deus não existe porque o mal existe, e até aqui já refutamos o argumento. Contudo, podemos adicionar que a existência do Deus cristão é, de fato, o pré-requisito lógico para a existência do mal. Isto é, o mal não tem sentido e é indefinido sem um padrão objetivo e absoluto de certo e errado, de bom e mal, e este padrão pode ser somente o Deus cristão.

Quando o não-cristão afirma que o mal existe, o que ele quer dizer por “mal”? Ele pode estar se referindo à avareza, ódio, assassinato, estupro, terremoto, enchentes e coisas semelhantes. Contudo, sobre que base e por qual padrão ele pode chamar estas coisas de males? Ele chama estas coisas de males simplesmente porque ele as desaprova? Qualquer definição ou padrão de mal que ele dê sem apelar ao Deus cristão e a Escritura cristã não serão bem-sucedidos e será facilmente desmoronado.

Por exemplo, se o não-cristão alega que o assassinato é errado porque viola o direito à vida da vítima, precisamos somente perguntar por que a vítima tem algum direito à vida. Quem lhe deu este assim chamado direito? O não-cristão? Quem disse que há algo como um direito, em primeiro lugar? Os não-cristãos tentam muitos argumentos, mas todos eles têm sido expostos como tolos e injustificáveis.⁵

Por outro lado, o cristão afirma que o assassinato é errado, imoral e mal, porque Deus proíbe o assassinato: “Quem derramar sangue do homem, pelo homem seu sangue será derramado; porque à imagem de Deus foi o homem criado” (Gênesis 9:6); Deus explicitamente o desaprova quando diz: “Não matarás” (Êxodo 20:13). É consistente com a cosmovisão cristã dizer que o assassinato é mal e que o assassino deve ser responsabilizado pelo acontecido, mas o não-cristão nunca pode justificar a mesma afirmação. Ele não pode nem mesmo definir *autoritariamente* o assassinato.⁶

O não-cristão afirma que o mal existe, e à partir desta base avalia o que o Cristianismo diz sobre Deus. Ele usa algo que ele afirma ser óbvio para refutar algo que afirma não ser óbvio. Contudo, a existência do mal não é óbvia, de forma alguma, a menos que haja um padrão moral absoluto, objetivo e universal, e que conheçamos de certo modo este padrão, de forma que possamos fazer avaliações com ele. Visto que o não-cristão falha em estabelecer tal padrão, e visto que ele falha em estabelecer como conheceremos tal padrão, suas referências ao mal são sem sentido e ininteligíveis, e seus argumentos à partir do problema do mal não têm efeito contra o Cristianismo. De fato, sobre a base de sua cosmovisão, ele nem sequer sabe o que seus próprios argumentos significam.

Se uma pessoa nega a existência de Deus, ela não tem base racional para afirmar a existência do mal; por necessidade lógica, nosso reconhecimento de Deus precede nosso reconhecimento do mal. A menos que o Deus cristão seja pressuposto de antemão, o mal continua indefinido. Quando o não-cristão argumenta contra o Cristianismo usando o problema do mal, ele se torna um terrorista intelectual, de forma que ele seqüestra o absoluto moral do Cristianismo no processo de argumentar contra o Cristianismo. Contudo, ele não pode se referir a qualquer mal natural ou moral sem implicitamente reconhecer um padrão pelo qual julga algo como mal. Se ele reconhece a existência do mal, então, ele deve primeiro reconhecer a existência de Deus, mas se ele já reconhece a existência de Deus, então, o argumento à partir do problema do mal não tem sentido.

Certamente, o não-cristão não pode se render imediatamente a este ponto; antes, ele provavelmente tentará oferecer alguma definição viável do mal para recuperar seu argumento. Eu não posso providenciar as definições possíveis que ele pode tentar propor, mas providenciei informação suficiente aqui, de forma que qualquer pessoa

⁵ Para mais informações, vejam meus escritos sobre apologética e ética.

⁶ Por exemplo, o não-cristão nunca pode justificar, ao definir assassinato, a inclusão da matança de humanos, mas a exclusão da matança de bactérias. Certamente, alguns advogados dos direitos dos animais consideram assassinato o massacrar animais, mas não bactérias; contudo, eles nunca justificam a inclusão dos animais ou a exclusão das bactérias.

possa refutar qualquer definição não-cristã proposta. Se o cristão consistentemente demandar justificção para toda reivindicação e definição não-cristã, ele sempre frustrará de forma sucedida qualquer tentativa de construir um argumento contra o Cristianismo à partir da existência do mal.⁷

Alguns não-cristãos têm chegado a perceber que o argumento à partir do problema do mal não é estritamente válido, de forma que, embora eles continuem desafiando o Cristianismo baseados na existência do mal, eles têm “suavizado” sua afirmação. Isto é, eles dizem que, embora a existência do mal não contradiga logicamente a existência de Deus, a existência do mal pelo menos provê uma forte evidência contra a existência de Deus, ou a probabilidade da existência de Deus. Assim, ao invés de chamar sua afirmação de um caso lógico contra a existência de Deus, eles chamam-no de um caso evidencial contra a existência de Deus.⁸

Mas isto não tem sentido – é apenas um modo enganador de dizer que eles não têm nenhum argumento. De fato, todos os problemas que eu apontei com o caso “lógico” permanecem no caso “evidencial”. O argumento ainda falha em estabelecer que o amor de Deus contradiga a existência do mal, ou que o amor de Deus requer que ele destrua o mal, ou já ter destruído o mal. Ele ainda falha em definir os termos cruciais. O que é amor? O que é mal? De fato, o argumento levanta questões piores ao adicionar o conceito de “evidência” ao debate, visto que agora eu demando diversas coisas adicionais: uma definição de evidência, um padrão para determinar o que constitui evidência em favor ou contra algo, um padrão para determinar a relevância e a força de qualquer evidência alegada, e uma epistemologia para descobrir as coisas que são usadas como evidência.

Junto com o caso “evidencial”, algumas pessoas incluem a alegação de que há muito mal “gratuito”, e que isto é evidência contra a existência de Deus. Mas novamente, o que é evidência? E quem decide o que é “gratuito”?⁹ Por qual padrão de necessidade

⁷ O argumento se tornará, no final das contas, um amplo debate pressuposicional. Para mais informação sobre isto, veja meu livro *Presuppositional Confrontations*.

⁸ Algumas pessoas usam diferentes termos para fazer esta mesma distinção.

⁹ Sobre este ponto, até mesmo alguns filósofos profissionais inclinam-se a um apelo à opinião popular. Isto é, eles afirmam que “todo mundo” sabe que certas coisas são más, e que certas coisas são males gratuitos. Em outro contexto, estes mesmos filósofos criticariam tal apelo à opinião popular para estabelecer uma premissa essencial – que eles se utilizam desta tática aqui, me mostra que eles são estúpidos e desesperados. A resposta mais óbvia é que é falacioso pensar que algo é verdadeiro apenas porque muitos ou mesmo a maioria das pessoas pensam que seja verdadeiro.

Alguns filósofos argumentam que se a maioria das pessoas pensa que há males gratuitos, então, o peso da prova cai sobre o cristão, para o mesmo mostrar que não há males gratuitos. Embora eu discorde que o peso da prova caia sobre mim simplesmente porque nego a opinião popular, mesmo se caísse, eu tenho mostrado que qualquer mal que Deus decreta é justificável por definição, de forma que o peso da prova retorna ao não-cristão, que deve refutar este ponto particular ou refutar o Cristianismo como um todo, e então o foco do debate se torna um pressuposicional (veja meu livro *Presuppositional Confrontations*).

Além do mais, mesmo que o apelo à opinião popular fosse legítimo (embora eu negue isto), eu demando provas de que realmente a opinião popular seja a de que existem males gratuitos. Como o não-cristão pode estabelecer esta afirmação? Mesmo se ele pudesse realizar uma pesquisa empírica global, eu já refutei o empirismo em outro lugar. Se ele não pode fazer isto, então ele deve mostrar também que, desde a origem da humanidade, tem sido a opinião popular que há males gratuitos. Ele deve provar também que esta continuará a ser a opinião popular em todas as gerações futuras. Se ele falha em fazer isto, então eu não tenho razão para aceitar sua alegação de que “todo mundo sabe” que existe o mal ou o mal gratuito.

decidimos que um evento mal é desnecessário? E desnecessário para o que? E porque ele deve ser necessário em primeiro lugar? Na cosmovisão bíblica, quando Deus faz algo, isto é justificado, por definição, simplesmente porque ele decidiu assim fazer. Assim, o não-cristão não pode argumentar contra o Cristianismo apelando aos eventos “injustificáveis”, visto que ele deve primeiro refutar o Cristianismo antes que possa mostrar que estes eventos são injustificáveis.

OUTRAS COSMOVISÕES

Não há razão para longas explicações ou repetições inúteis, visto que o assunto é deveras tão simples como parece ser. O argumento à partir do problema do mal, *em qualquer forma*, é um dos argumentos mais irracionais já inventados, mas ele tem enganado e perturbado muitas pessoas por causa do seu apelo emocional. Em resposta, o cristão deve não somente neutralizar o argumento, mas deve tomar a posição ofensiva sobre este tópico contra o não-cristão.

Talvez porque o problema do mal seja mais freqüentemente usado para desafiar o Cristianismo, muitas pessoas esquecem de considerar se as cosmovisões e religiões não-cristãs têm, adequada e coerentemente, respondido à existência do mal. Os não-cristãos fornecem uma definição autoritativa do mal? Sua definição de mal contradiz o que eles alegam sobre a física (mal natural) e a psicologia (mal moral)? Eles podem explicar como e porque o mal começa e continua? Eles podem sugerir uma solução para o mal, e podem garantir que esta solução será bem sucedida? Nenhuma cosmovisão, exceto a fé cristã, pode sequer começar a responder estas questões.

Da próxima vez que um não-cristão desafiá-lo com o problema do mal, ao invés de ser pressionado no canto, você deve ser capaz de dar uma resposta irrefutável, e então tomar a ofensiva e virar o argumento contra o não-cristão (2 Coríntios 10:5):

“Eu sou capaz de mostrar que a existência do mal não contradiz o amor de Deus ou a existência de Deus. De fato, o próprio conceito de mal pressupõe a existência do Deus cristão. Este Deus decretou a existência do mal para sua própria glória, e cada aspecto e ocorrência do mal estão debaixo do seu preciso controle; não há padrão mais alto do que Deus para julgar este decreto como errado. Um dia ele banirá todos os pecadores para os tormentos sem fim no inferno, de forma que cada ocorrência de assassinato, roubo, estupro e até mesmo cada palavra que um homem tenha proferido, será julgada. Ele assim punirá justamente todos os pecadores que não creram em Cristo para salvação, mas seus escolhidos certamente serão salvos.

“Mas, como você trata com o mal? Dada sua cosmovisão, como você pode sequer ter um conceito significante e universal do mal? Como você explica sua origem e continuação? Você pode oferecer uma solução eficaz ou até mesmo segura para desmorrionar o mal? Você pode apresentar as razões universalmente aplicáveis e obrigatórias contra tais coisas como genocídio e racismo? Como sua cosmovisão faz demandas morais sobre alguém que não a subscreve? Dada sua cosmovisão, há justiça final e perfeita para alguém? Se não, qual é sua solução ou explicação para isso? Como você pode definir justiça em primeiro lugar?

Ele pensa que “todo mundo sabe”, mas ele não sabe que “todo mundo sabe”; esta é sua opinião pessoal sobre a opinião popular

Porque uma pessoa de outra nação ou cultura deve reconhecer seus assim chamados direitos?

Se você não pode dar respostas adequadas a estas e milhares de outras perguntas sobre a base de sua cosmovisão e comprometimentos intelectuais sem auto-contradição, então, é evidente que a existência do mal significa a destruição de sua cosmovisão, enquanto que ela não coloca nenhuma ameaça contra a minha, de forma alguma. Você é um hipócrita se sequer mencionar o problema do mal como uma objeção ao Cristianismo”.

Embora muitas pessoas gostem de desafiar os cristãos com o problema do mal, a verdade é que o Cristianismo é a única cosmovisão na qual a existência do mal não cria um problema lógico. Todavia, muitos cristãos professos são intimidados pelos argumentos não-cristãos. Isto é parcialmente porque eles não aprenderam as refutações lógicas a estes argumentos, mas também porque algumas vezes concordam com os não-cristãos, pelo menos no nível emocional. Mas certamente, apenas porque algo causa um distúrbio emocional em algumas pessoas, não significa que cause algum desafio à própria fé cristã.

Agora, se o não-cristão é tão perturbado sobre a existência do mal, ele pode sempre perguntar a um cristão sobre como depender de Cristo para salvação; de outra forma, ele pode se submeter a um departamento de psiquiatria, onde pode continuar miserável sob o cuidado profissional. Quanto aos cristãos, a Escritura fornece a solução: “Tu, Senhor, guardarás em perfeita paz aquele cujo propósito está firme, porque em ti confia” (Isaías 26:3). Salmos 73:16-17 diz: “Quando tentei entender tudo isso, achei muito difícil para mim, até que entrei no santuário de Deus, e então compreendi o destino dos ímpios”. Somente aceitando a cosmovisão cristã uma pessoa pode chegar a uma posição racional sobre a existência do mal, e somente entrando no “santuário de Deus” o assunto pode parar de ser “opressivo”. Somente aqueles que são trazidos para perto de Deus podem entender suficientemente a realidade do mal e reter a estabilidade emocional. A fé cristã é verdadeira e é o único caminho para Deus e a salvação. Ela é imune aos ataques intelectuais. Ela não pode ser desafiada com sucesso, mas somente estudada e obedecida.